

# UMA CASA NO CAMPO



Fernando Prudente Comparini

# UMA CASA NO CAMPO



Universidade de São Paulo  
Faculdade de Arquitetura e Urbanismo

Trabalho Final de Graduação  
Orientação: Guilherme Teixeira Wisnik

**Fernando Prudente Comparini**

São Paulo, 2024







COMPARINI, Fernando. **Uma casa no campo**. Trabalho Final Graduação em Arquitetura e Urbanismo - Faculdade de Arquitetura e Urbanismo, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2024.

## resumo

Este trabalho parte de inquietações teóricas em torno da relação entre arquitetura e lugar, entendendo que o forte vínculo entre ambos é capaz de estabelecer significado ao espaço, à existência humana e às coisas da vida. Por meio dessa abordagem, busca-se construir um modo de pensar a arquitetura que coloca o corpo humano como centro das experiências e privilegia os múltiplos sentidos da percepção. O intuito é desenvolver uma leitura mais assertiva dos elementos objetivos e subjetivos que compõem o lugar, a fim de capturar sua essência e imaginar cenários sobre o que ele pode vir a ser. Através da integração entre diferentes áreas do conhecimento, como a fenomenologia, a poética e as artes, espera-se reposicionar o raciocínio pragmático que, muitas vezes, condiciona o processo de projeto em arquitetura.

Como objeto de estudo, propõe-se a elaboração do projeto de uma casa em um sítio familiar no interior do estado de São Paulo, em Águas de Lindóia, lugar potente e capaz de incitar relações entre memória afetiva com elementos da paisagem circundante. Para isso, vale-se da compreensão do projeto como uma ferramenta de pesquisa, por meio da qual é possível articular constantemente tais reflexões teóricas com determinadas práticas de desenho, além de outras linguagens oportunas à conformação desse modo de pensar a arquitetura. Interessa refletir sobre como um projeto pode revelar visões de mundo, adotando uma postura crítica frente às várias questões contemporâneas, isto é, projetar uma arquitetura responsável e coerente ao lugar em que se insere.

*Palavras-chave: casa; lugar; habitar; fenomenologia; arquitetura.*



Agradecimentos	13	<b>sumário</b>
Introdução	15	
O canto do mundo	19	
O espírito do lugar	27	
A pedra no chão	33	
Os sentidos das coisas	39	
A atmosfera da roça	45	
Uma casa no campo	53	
Considerações finais: uma casa no campo... em obra	123	
Referências bibliográficas	139	







Muitos foram os que contribuíram direta ou indiretamente para a realização deste Trabalho Final de Graduação, o que deixa cada vez mais claro que a arquitetura engloba um fazer essencialmente coletivo e plural. Deixo aqui meus agradecimentos a quem participou desse percurso.

Ao meu orientador, Guilherme Wisnik, por me ensinar a olhar além daquilo que se vê.

Aos avaliadores da minha banca, Luís Antônio Jorge e Marcelo Ferraz, pela generosidade em aceitar o convite e por me inspirarem nas diversas camadas da profissão.

Aos professores que fizeram parte de minha trajetória na FAUUSP, especialmente Joana Mello, Fábio Mariz e Rodrigo Queiroz, por me estimular a pensar uma arquitetura crítica e responsável.

Aos meus grandes amigos, os quais eu plantaria junto com meus discos e livros e nada mais. Abraços calorosos para Ana Luiza Makul, André Góes, Carolina Lazzari, Fernando Mauad, Guilherme de Mello, Guilherme Sarti, Helena Verri, Mariana Byczkowski, Nathan Lavansdoski, Rebeca Guglielmo, além dos queridíssimos Leonardo Nóbrega, Luísa Carvalho e Luiza Meyrelles, que o tempo na Cidade Luz me proporcionou. Não seria nada sem *a little help from my friends*.

Aos demais amigos dos coletivos que participei, à equipe de basquete masculino (BMememes), à equipe de natação (Danados) e à FAU Social, por me mostrarem que a vida universitária pode ser muito mais divertida e enriquecedora.

Ao Cido e ao Dito, por materializarem este trabalho.

À minha querida família, por todo o suporte incondicional: meus pais, Claudia e Ruy; meu irmão, Rafael; meus avós Aguinaldo (*in memoriam*), Odette, Alba e Gilman (*in memoriam*).



## INTRODUÇÃO

*“O que é que esta casa quer ser, como objeto de utilização, como corpo sensível feito com material e firmemente construído, como figura feita de forma, que serve à vida? (...) o que é que esta casa quer ser no seu lugar (...)?”*

ZUMTHOR, Peter. Pensar a arquitectura. Barcelona: Editorial Gustavo Gili, 2009. p.78.



## motivações

A decisão de projetar uma casa como Trabalho de Final de Graduação envolve questões de diferentes naturezas. Primeiramente, trata-se de um programa não obrigatório na estrutura curricular da Faculdade de Arquitetura e Urbanismo da Universidade de São Paulo, o que fez despertar o desejo de encerrar esse ciclo de formação com um desafio que servirá de preparação para o mundo profissional. Em segundo lugar, tal escolha parte também de um movimento relativamente comum entre estudantes nessa fase da graduação: retornar ao seu lugar de origem, amarrando as experiências da vida universitária, com a fase precedente da infância e da adolescência, principalmente após anos intensos de experimentação criativa e desconstrução de paradigmas. Por isso a motivação de construir em um sítio familiar em Águas de Lindóia, no interior de São Paulo, lugar potente e capaz de relacionar a memória afetiva com os elementos da paisagem circundante. Por fim, talvez o ponto que mais amplie as reflexões deste trabalho, o projeto da casa permite elaborar discussões que extrapolam os aspectos materiais, funcionais e práticos do programa doméstico, revelando o modo como o ser humano lida com sua existência e com o mundo, além de ponderar acerca dos aspectos objetivos e subjetivos do habitar.

Os rebatimentos com outras áreas do conhecimento e formas de pensamento como a poética, a fenomenologia e as artes em geral reposicionam o raciocínio pragmático que muitas vezes condicionam o processo de projeto em arquitetura. Mais do que responder a demandas pontuais baseadas nas necessidades humanas, a arquitetura é o principal instrumento da nossa relação com o tempo e o espaço<sup>1</sup>, pois torna tolerável e domesticada essas dimensões, e, nesse sentido, está intrinsecamente ligada às nossas condições da existência no mundo: a relação com a natureza, a finitude da vida, a subjetividade, a noção de tempo. Autores da filosofia como Gaston Bachelard e Martin Heidegger são frequentemente abordados em textos de arquitetos que buscam, em seus projetos, recuperar na arquitetura uma conexão existencial mais profunda com o meio, tais como o suíço Peter Zumthor, o norueguês Christian Norberg-Schulz e o finlandês Juhani Pallasmaa. Desse modo, espera-se que a base teórica e as proposições projetuais sejam constantemente complementadas uma à outra, sem que uma seja tomada como posicionamento predefinido em relação à outra. Ou seja, utilizar o desenho e outros

meios de representação como uma linguagem que discute determinadas ideias, de forma que o próprio projeto seja uma espécie de pesquisa.

O trabalho pode ser estruturado em seis partes interdependentes: cinco delas teóricas e uma projetual. A primeira parte, intitulada “O canto do mundo”, busca uma explicação da ideia de casa do ponto de vista da história, da poética e da fenomenologia sobre os significados de seus espaços internos e traz a reflexão de como uma casa pode estar relacionada a determinada uma visão de mundo. A segunda parte, chamada “O espírito do lugar”, tem como objetivo explicar o conceito de lugar e identificar os elementos que o caracterizam, relacionando-os com a ideia de habitar e o ato de construir. Partindo de escritos de filósofos ligados à fenomenologia, as discussões giram em torno do termo “genius loci”, o qual indica que cada lugar possui determinado espírito particular capaz de ser identificado e apreendido. No tópico seguinte, “A pedra no chão”, busca-se articular diretamente a arquitetura com o lugar, a partir de abordagens e revisões epistemológicas da disciplina, principalmente acerca da crise do significado e da falta de conexão entre o sujeito e o ambiente da existência, as quais levaram a posturas como a fenomenologia da arquitetura e o regionalismo crítico. A quarta parte deste trabalho, “Os sentidos das coisas”, adentra o campo da arquitetura e recorre a escritos de arquitetos que procuram em seus projetos a relação entre os sentidos e a experiência existencial. Assim, são apresentadas estratégias de projeto para a criação de espaços significativos e vinculados ao lugar e são propostas reflexões acerca da importância que essa abordagem tem nos dias de hoje. O quinto capítulo, “A atmosfera da roça”, busca compreender especificamente o lugar de projeto e sua arquitetura, de modo a reconhecer os elementos que os configuram, bem como pautar as possibilidades de diálogo para um projeto contemporâneo. Ou seja, aproxima-se de um estudo da arquitetura tradicional local e as condicionantes culturais que a constituíram. Por fim, em “Uma casa no campo”, apresenta-se o processo projetual deste trabalho, articulando teoria e prática na concepção de uma casa localizada em Águas de Lindóia, no interior do estado de São Paulo. Através da combinação de meios de representação que permeiam todo o trabalho, como o desenho, a fotografia e o texto, procura-se transmitir as ideias por trás de cada decisão do projeto da casa, buscando, ao mesmo tempo, capturar a essência do lugar e criar vínculos entre os espaços construídos e os elementos da subjetividade: a reflexão sobre um modo de vida.

## estruturação do trabalho

1 PALLASMAA, Juhani. Os olhos da pele. Porto Alegre: Bookman, 2011. p.16-17.



## O CANTO DO MUNDO

*“Habitar uma casa significa habitar o mundo.”*

NORBERG-SCHULZ, Christian. O fenômeno do lugar. In: NESBITT, Kate (org.). Uma nova agenda para a arquitetura: antologia teórica (1965-1995). São Paulo: Cosac Naify, 2013. p.447.



Ao realizar o projeto de uma casa, antes que sejam traçados os primeiros riscos intencionais, seria interessante refletir sobre o que está por trás de sua definição. O que é afinal uma casa? Quais são suas funções, formas e configurações possíveis? Como uma casa pode representar um modo de vida ou uma visão de mundo que sejam coerentes com as mais variadas questões contemporâneas? São essas e outras indagações que serão deixadas de fundo como premissas fundamentais na concepção deste trabalho.

O problema da casa é talvez o mais recorrente e elementar na história da arquitetura. Desde que o ser humano se valeu de sua capacidade inventiva e construiu um abrigo, a fim de se proteger das intempéries climáticas e do ataque de animais selvagens, sua relação com o mundo se transformou. O surgimento da cabana primitiva, isto é, da construção de um invólucro de proteção a partir da manipulação de materiais encontrados na natureza, possibilitou tanto o desenvolvimento de novas atividades físicas e psicológicas quanto a compreensão do espaço a partir da dualidade entre exterior e interior. Foi no interior desses espaços que diferentes noções passaram a ser desenvolvidas cognitivamente, como a ideia de dentro e fora, de privacidade e intimidade, de individualidade e coletividade.<sup>1</sup>

### o conceito de casa

Do ponto de vista histórico, o conceito de casa engloba diferentes fatores socioculturais, econômicos e até mesmo políticos, no que diz respeito a sua constituição enquanto elemento primordial do habitar humano.<sup>2</sup> A configuração da casa condiz diretamente com o modo de vida desenvolvido por cada sociedade em que é inserida, evidenciando questões como a escala de privacidade, a intimidade, o conforto e a noção de lar que variam conforme cada conjuntura histórica.<sup>3</sup> Por exemplo, na Idade Média, as casas consistiam em um espaço efetivamente público de abrigo, onde se reunia ao mesmo tempo e espaço tanto as funções de moradia quanto de trabalho de diversas famílias. Nos séculos seguin-

tes, devido à separação entre essas duas atividades, as casas foram se tornando cada vez mais o espaço do comportamento pessoal e íntimo, representado pela vida familiar privada.<sup>4</sup> Apesar de suas múltiplas denominações (cabanas, domus, villas, châteaux, palazzos, sobrados), além de suas múltiplas funções que também se transformam ao longo do tempo, existe algo que, no fundo, seja capaz de transcender as particularidades históricas e criar vínculos entre o espaço e nossa existência, isto é, a consciência básica do sujeito de habitar o mundo.

Mais do que um programa que abriga as diversas funções do habitar (descansar, comer, dormir, socializar, refletir), é na casa que potencialmente projetamos nossos mais variados sentimentos, sonhos e memórias, os quais configuram o que somos e o que podemos ser. Segundo o filósofo e poeta francês Gaston Bachelard, incorporando um ponto de vista que investiga a representação arquetípica do objeto, “a casa é o nosso canto do mundo. (...) o nosso primeiro universo. É um verdadeiro cosmos.”<sup>5</sup> Ela contém os ingredientes que moldam nossa identidade e permitem livremente o devaneio, espécie de “princípio de ligação” que integra os pensamentos e as experiências oníricas. Com uma visão fenomenológica do espaço, a partir de diversas imagens poéticas advindas do campo da literatura, o filósofo explora a construção do significado dos espaços habitados e como se dá a relação entre a subjetividade do homem e objetividade do mundo. Em sua obra “A poética do espaço”, Bachelard se coloca em um estado de espírito por meio do qual se deixa levar por imagens, memórias e sonhos. O recurso dos devaneios “cria as raízes do homem no espaço e o integra ao mundo”<sup>6</sup>, e, para o autor, se torna o principal elemento de conexão existencial entre o sujeito e o universo. As memórias da casa vivida na infância, assim como a identificação com os elementos materiais desta casa (a cama, o sofá, as paredes, os telhados, os cantos) instigam a imaginação, de modo que o que era realidade passa a se fundir em sonhos de intimidade e proteção. São

### a poética da casa

1 MIGUEL, Jorge Marão Carnielo. Casa e lar: a essência da arquitetura. *Arquitextos*, São Paulo, ano 03, n. 029.11, Vitruvius, out. 2002.

<<https://vitruvius.com.br/revistas/read/arquitextos/03.029/746>>.

2 *Ibid.*

3 RYBCZYNSKI, Witold. Casa: pequena história de uma ideia. Rio de Janeiro: Record, 1996.

4 *Ibid.*, p.87.

5 BACHELARD, Gaston. A poética do espaço. São Paulo: Martins Fontes, 2000. p.24.

6 PARENTE, Alessandra Affortunati Martins. A casa e o holding: conversas entre Bachelard e Winnicott. *Nat. hum.* [online]. 2009, vol.11, n.1 [citado 2023-11-20], p.79-80. Disponível em: <[http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S1517-24302009000100004&lng=pt&nrm=iso](http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1517-24302009000100004&lng=pt&nrm=iso)>. ISSN 1517-2430.

essas memórias que condicionam um determinado modo de vivenciar os diferentes espaços do mundo.<sup>7</sup>

Ao se esquivar da linha de pensamento racionalista-cartesiana, Bachelard propõe a supressão momentânea do raciocínio científico para se aprofundar no campo das imagens poéticas. Para o autor, tais imagens possuem dinamismo próprio e não estão sujeitas às ideias fixas do passado. Por isso, na dialética entre a casa e o mundo, quase não há referências às “simples formas geométricas” na abordagem de Bachelard, já que, a “casa vivida não é uma caixa inerte”, sintetizada por suas relações espaciais matemáticas. Para além disso, “o espaço habitado transcende o espaço geométrico”, propiciando uma diversidade de construções poéticas e simbólicas que frequentemente atraem a atenção de arquitetos. Ao adentrar os ambientes da casa, Bachelard revela o que há por trás dos espaços habitados e caminha para uma série de reflexões acerca dos componentes da casa: o porão, o sótão, os cantos, as gavetas, os armários, e por aí segue. O que acontece, de fato, é uma espécie de estudo psicológico dos espaços íntimos, cujos objetivos vão desde o reconhecimento do valor nos detalhes da vida cotidiana, até representações subjetivas desses elementos em termos de intimidade, segurança, aconchego e pertencimento.

#### suporte existencial

É importante observar que a ideia de casa explorada por Bachelard se origina no campo da poética, ou seja, por meio de escritos literários tão potentes que abrem espaço para o imaginário. Por mais instigante que sejam, convém esclarecer que Bachelard não é arquiteto e nem tem a intenção primeira de escrever para arquitetos. As imagens poéticas evocadas pouco têm a ver com o léxico tradicional da arquitetura, tais como a forma, a estrutura, a função e o programa. Trata-se da exploração fragmentada de diversas imagens da casa, com intenso potencial psicológico. Como afirma a psicanalista Alessandra Parente, “sem a experiência nos espaços da casa, sem a experiência de habitar um canto do mundo, o homem seria um ser disperso, sem lugar, sem integração entre corpo e alma”.<sup>8</sup> No fundo, é o arquétipo da casa como suporte da existência, como abrigo das intempéries e como refúgio das ameaças externas que permeia os devaneios do autor.

Quando se pensa em arquitetura, outros modos de narrar a casa também são possíveis. As distintas técnicas de projeto para a concepção de um lar podem revelar formas de pensar e habitar também distintas, cada qual com um posicionamento intencional ou não perante às várias questões do mundo. No livro “A boa-vida: visita guiada às casas da modernidade”, o arquiteto espanhol Iñaki Ábalos propõe o percurso por sete casas que idealizam e representam as principais correntes de pensamento que foram herdadas da modernidade, tais como, o positivismo, o existencialismo, o pragmatismo, a fenomenologia e o desconstrutivismo. Tratam-se de visões de mundo que estabelecem olhares variados sobre as relações entre tempo e espaço, entre natureza e cultura e entre sujeito e sociedade, categorias que o autor busca compreender em cada casa explorada. Com isso, mais do que uma reflexão sobre estratégias projetuais, Ábalos mostra que a arquitetura doméstica não se encerra na materialidade da casa e nas necessidades básicas atendidas; ela amplia os debates sobre as formas de viver, sobre a apropriação de espaços públicos e privados e sobre a compreensão da existência do homem.

Duas dessas casas são de interesse particular para esse trabalho, pois se relacionam, em partes, com a concepção de casa tomada em conta. A primeira delas, a casa fenomenológica, representada pela casa de férias do artista Pablo Picasso, condiz, conforme abordado anteriormente, com uma postura que enxerga o mundo através dos múltiplos fenômenos e como eles nos afetam perceptivamente, isto é, através de experiências genuínas não baseadas em concepções preestabelecidas. Nesse sentido, compreende-se o espaço não como “extensão neutra própria do cientificismo cartesiano”<sup>9</sup>, mas como um complexo conjunto de formas, cheiros, cores e sons, por meio do qual se forma a subjetividade das pessoas e se reconhece o sentido das coisas. Em síntese, a relação entre o sujeito e o objeto é potencializada por fatores que vão desde associações rememorativas e autobiográficas, principalmente ligadas à infância, até experiências sensoriais intensas do real. De modo a materializar tais ideias e vislumbrar o que de fato seria essa casa picassiana, Ábalos reflete sobre a atmosfera intimista de seus interiores, definindo-os como labirinto topológico ou microcosmo de multiplicidade:

7 *Ibid.*, p.79-80.

8 *Ibid.*, p.81

9 ÁBALOS, Iñaki. A boa-vida: visita guiada às casas da modernidade. São Paulo: Editorial Gustavo Gili, 2003. p.97.



*“Neles reina uma esplêndida desordem aparente, uma profusão de objetos pessoais, telas, potes de pintura e pincéis, cadeiras e mesas, cerâmicas e pratos amontoados aleatoriamente. (...) A ligação entre a idéia de uma extensa soma de dependências distintas e a sua projeção sobre os objetos personalizados será algo sempre presente nestes interiores, que somente poderiam vir a ser descritos a partir da primazia da concepção de ‘intimidade’ sobre qualquer outro padrão ou valor da domesticidade - o conforto, a funcionalidade, o luxo etc.”<sup>10</sup>*

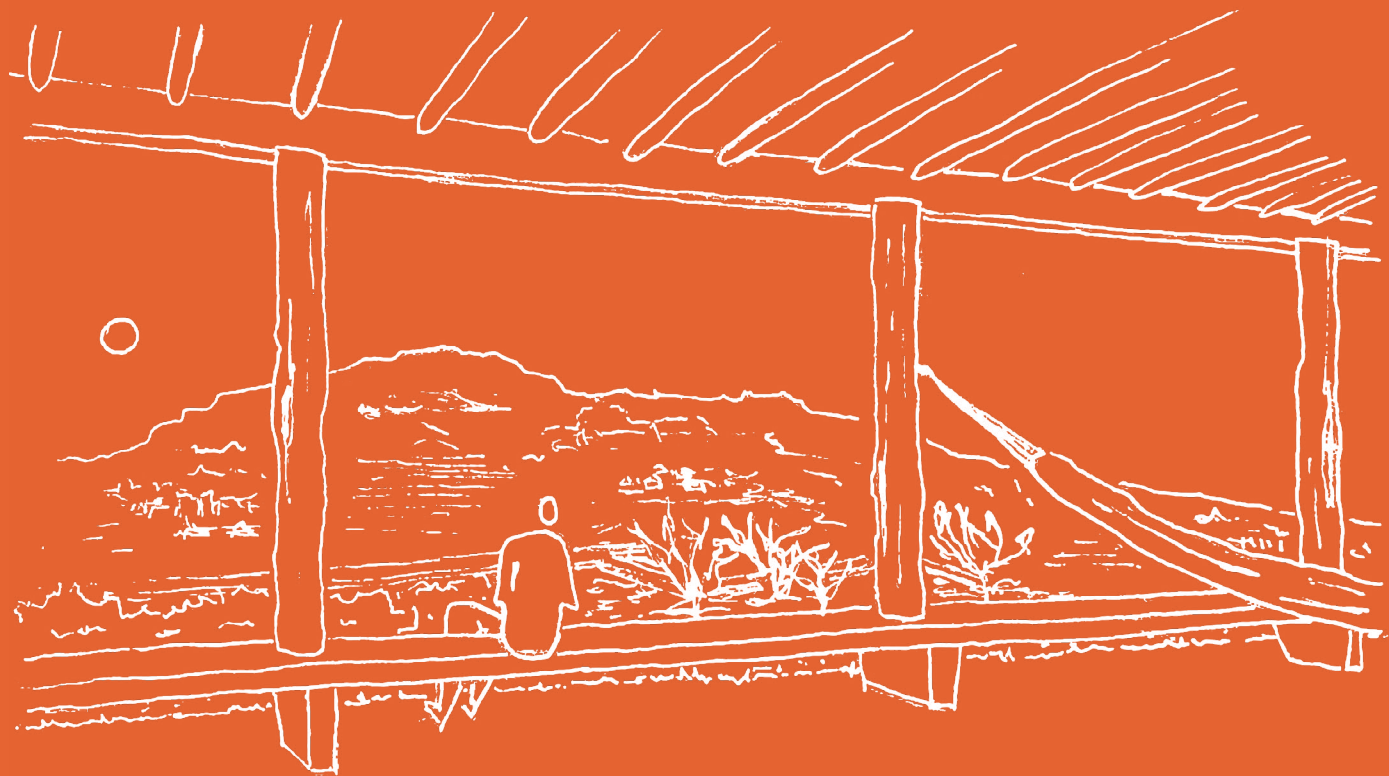
Outro arquétipo explorado pelo autor é o da casa existencialista, representada pela cabana do filósofo Martin Heidegger, na Floresta Negra, na Alemanha. Para Ábalos, essa casa ampara o “desenvolvimento de uma retórica arquitetônica capaz de deslocar a linguagem da filosofia, num procedimento que levará a filosofia a ser um pensamento sobre a habitação.”<sup>11</sup> Assim, a construção da casa está intrinsecamente relacionada à construção do pensamento, de tal maneira que o sujeito habita a casa assim como o pensamento a habita. Essas dupla articulação, arquitetura e linguagem, personaliza a casa de certa forma e, com isso, ressignifica alguns conceitos fundamentais da disciplina. Com o artifício da memória e da experiência subjetiva, compreende-se a casa como a materialização da vida por meio de um tempo existencial, que foge da linearidade cronológica, conduzindo o pensamento para a origem das coisas e sua essência. Ou seja, importa, antes de construir, refletir sobre o sentido de nossas ações, para então poder transformar um mero alojar-se em um autêntico habitar. Não por acaso, a casa existencial seria aquela “habitada por alguém ancorado firmemente ao lugar”, o qual provê tanto os materiais concretos e naturais necessários para sua construção (pedra, madeira, tijolo), quanto o material simbólico para a elaboração da subjetividade.

Em um primeiro momento, foi explorada aqui a relação da casa para dentro de si mesma, como “cosmos” que engloba as diversas reflexões do ser na constituição da subjetividade. Faz-se necessário então inverter o sentido de análise e pensar a casa para fora, isto é, refletir sobre o lugar

em que se habita, quais suas características naturais, sociais e culturais, de modo que a significação seja estabelecida entre que está dentro e o que está fora. Nesse ponto de vista, vale recorrer novamente à fenomenologia para compreender os aspectos essenciais do lugar, bem como abordagens que avançam no campo da arquitetura e reconhecem a importância de se pensar concomitantemente a cultura local específica e a civilização universal dominante, como é o caso do Regionalismo Crítico.

<sup>10</sup> *Ibid.*, p.101.

<sup>11</sup> *Ibid.*, p.44.



## O ESPÍRITO DO LUGAR

*“A essência de construir é deixar-habitar. A plenitude de essência é o edificar lugares mediante a articulação de seus espaços. Somente em sendo capazes de habitar é que podemos construir.”*

HEIDEGGER, Martin. Construir, habitar, pensar. In: Ensaaios e Conferências. São Paulo: Editora Vozes, 2006. p.9.



## o conceito de lugar

Assim como a casa, o conceito de lugar envolve diferentes áreas do conhecimento em busca de uma definição, estando presente em reflexões que vão desde o campo da fenomenologia até a geografia humanística, incluindo a arquitetura e o urbanismo. Embora frequentemente utilizado como sinônimo de espaço, o lugar possui um forte atributo, que o distingue da extensão ilimitada do espaço; esse atributo é a presença humana. De acordo com o geógrafo sino-americano Yi-Fu Tuan, “o espaço transforma-se em lugar à medida que adquire definição e significado”<sup>1</sup>, sem os quais não é possível ser identificado. Ou seja, em uma definição ampla, o lugar seria o espaço habitado, o qual é atribuído de valor e significação pelo homem para a realização de suas necessidades.

Nesse sentido, pode-se afirmar que o lugar vai além de uma localização abstrata e, por isso, reúne elementos sensíveis dotados de matéria, forma, cor, textura e cheiro que são experienciados pelos seres humanos. O conjunto desses elementos configura “um fenômeno qualitativo total”, como afirma o arquiteto norueguês Christian Norberg Schulz, “que não se pode reduzir a nenhuma de suas propriedades, como as relações espaciais, sem que se perca de vista sua natureza concreta”. Isso quer dizer que existem características físicas, sociais, culturais e naturais que são capazes de identificar e especificar um lugar, impossibilitando esse lugar ser identificado como outro. Essa ideia está por trás do conceito romano de “genius loci”<sup>2</sup>, isto é, o espírito do lugar que é definido pelo conjunto de seus elementos concretos e essenciais, os quais lhe dão caráter específico para o suporte existencial do ser.

## fenomenologia

A fenomenologia, enquanto corrente filosófica, estabelece um modo de pensar que se baseia na descrição do mundo por meio de fenômenos e busca compreender como esses fenômenos se manifestam através do espaço e do tempo, como são percebidos pelas pessoas e como as coisas são em sua essência. A partir da leitura do filósofo alemão Martin Heidegger, um dos mais influentes nesse campo, o crítico e historiador da

arquitetura, Kenneth Frampton discorre:

*“Como um fenômeno aristotélico, o lugar surge no plano simbólico com a significação consciente de um sentido social e, no plano concreto, com o estabelecimento de uma região claramente definida em que o homem ou os homens podem passar a existir.”*<sup>3</sup>

Diante da coexistência dos aspectos simbólicos e concretos do lugar, pode-se dizer que os lugares são determinados também pelo modo como os seres humanos habitam. Diz-se um lugar tranquilo, agitado, animado ou triste quando as interações do homem com os elementos concretos provocam experiências de mesmo caráter. A relação entre o lugar e o habitar passa pela noção de que as atividades humanas que configuram a existência no mundo produzem relações significativas e simbólicas que transformam o ambiente envolvente. O movimento na verdade é de mão-dupla. Ambos mutuamente interagem: o habitar condiciona o lugar ao passo que o lugar condiciona o habitar.

Nesse sentido, para além da definição de lugar, faz-se necessário o entendimento do que seja “habitar”. Na conferência “Construir, habitar, pensar”<sup>4</sup>, proferida pelo filósofo alemão Heidegger, atribui-se ao ato de construir a finalidade de criar as condições de habitabilidade: o nosso modo de ser-no-mundo. Para o autor, o habitar condiz com o “modo como os mortais são e estão sobre a terra”. Em sua pesquisa teórica, Heidegger aponta que, na verdade, o vocábulo “construir”, do alemão “bauen”, possui a mesma origem etimológica que o vocábulo “habitar”, do antigo alemão “buan”, e por isso, transmitem originariamente a mesma ideia. Com essa premissa, o ato de construir atenderia a três aspectos da existência humana que estão presentes no habitar: “primeiro, sua condição de organismo que tem necessidades fundamentais; segundo, sua condição de ente sensível e hedonista [que tem prazeres]; terceiro, sua

## a ideia de habitar

1 REIS-ALVES, Luiz Augusto dos. O conceito de lugar. *Arquitextos*, São Paulo, ano 08, n. 087.10, Vitruvius, ago. 2007 <<https://vitruvius.com.br/revistas/read/arquitextos/08.087/225>>.

2 NORBERG-SCHULZ, Christian. O fenômeno do lugar. In: NESBITT, Kate (org.). *Uma nova agenda para a arquitetura: antologia teórica (1965-1995)*. São Paulo: Cosac Naify, 2013. p.443-461.

3 FRAMPTON, Kenneth. Uma leitura de Heidegger. In: NESBITT, Kate (org.). *Uma nova agenda para a arquitetura: antologia teórica (1965-1995)*. São Paulo: Cosac Naify, 2013. p.479.

4 HEIDEGGER, Martin. Construir, habitar, pensar. In: *Ensaio e Conferências*. São Paulo: Editora Vozes, 2006.

condição de consciência cognitiva auto-afirmativa.”<sup>5</sup> Assim, o filósofo continua, “no sentido de habitar, ou seja, no sentido de ser e estar sobre a terra, construir permanece, para a experiência cotidiana do homem, aquilo que desde sempre é, como a linguagem diz de forma tão bela, ‘habitual’.” Portanto, construir é edificar lugares que amparam o habitar.

A dúvida prática que surge então é: como se constrói lugares? Quais elementos são levados em consideração para atingir a condição de habitabilidade do homem? Para Norberg-Schulz, a estruturação do lugar começa com duas funções psicológicas que os seres humanos experienciam para seu suporte existencial: a orientação e a identificação.<sup>6</sup> A primeira, diz respeito à capacidade de se localizar, de transitar, de saber onde está. A segunda, refere-se a saber como está em determinado lugar, a criar relações de pertencimento com elementos concretos. Essas funções têm a ver com a dualidade cosmogônica da terra e do céu, ou como o autor discorre, o espaço e o caráter. Por meio desses pares de sentidos opostos, é que se estrutura a base existencial do habitar, isto é, a combinação de um elemento tangível e relativamente estável (o espaço, a terra), com um elemento não-tangível e relativamente instável (o caráter, o céu).<sup>7</sup> O espaço seria o elemento tridimensional, onde se organizam as relações, movimentos e ritmos. Já o caráter seria a atmosfera geral e abrangente do ambiente, definido em função do tempo e formado pelos elementos que constituem material e formalmente o espaço.

### a estrutura do lugar

Para uma resposta mais assertiva, Reis-Alves contribui para a sistematização da estrutura do lugar, incorporando essas reflexões dos autores em questão. Conforme discorre, o lugar pode ser constituído a partir de três atributos, os espaciais, os ambientais e os humanos, todos condicionados pela ação do tempo. Os atributos espaciais dizem respeito ao espaço tridimensional e seu vocabulário derivado, tais como as formas, os volumes, os planos, as proporções e as escalas, e também às suas características físicas, como a cor, a textura e os materiais. Os atributos ambientais (naturais) se relacionam aos aspectos climáticos do espaço, à localização geográfica (latitude, longitude e altitude), à incidência de

luz natural, dos ventos e das chuvas, aos sons e aos cheiros. Finalmente, os atributos humanos representam as interações do homem com o meio envolvente na criação de valores e significados aos demais atributos. É o terreno das relações simbólicas, da memória, da percepção subjetiva e da construção da identidade, onde a cultura dita as modificações do espaço e do ambiente. Portanto, o lugar se estrutura a partir de quatro categorias fundamentais que se interrelacionam: espaço, tempo, cultura e natureza.

Em suma, há uma intensa simbiose entre os conceitos de lugar, habitar e construir. A ideia de lugar, entendida como espaço habitado, envolve necessariamente a existência do homem. O habitar, por sua vez, envolve o ato concreto de construir, pois é ele que estabelece as condições de habitabilidade do lugar. A partir dessas conexões, caberia à arquitetura o papel de estabelecer o vínculo da existência humana com o espaço, com a natureza enquanto totalidade. É ela que mede, transforma e domestica o espaço. O grande potencial fenomenológico da arquitetura é sua capacidade de dar significado ao espaço mediante a criação de lugares específicos.<sup>8</sup> Esse trabalho busca se estruturar a partir dessa perspectiva.

8 NESBITT, Kate. Introdução. In: NESBITT, Kate (org.). Uma nova agenda para a arquitetura: antologia teórica (1965-1995). São Paulo: Cosac Naify, 2013. p. 15-87.

5 FRAMPTON, *op. cit.*, p.480.

6 NORBERG-SCHULZ, *op. cit.*

7 REIS-ALVES, *op. cit.*



## A PEDRA NO CHÃO

*“A finalidade da arquitetura é basicamente a construção do lugar.”*

ANDO, Tadao. Por novos horizontes na arquitetura. In: NESBITT, Kate (org.). Uma nova agenda para a arquitetura: antologia teórica (1965-1995). São Paulo: Cosac Naify, 2013. p.493.



Enquanto conceitos vinculados à existência humana, a casa — representada agora pela arquitetura — e o lugar se articulam numa espécie de simbiose de sentidos. Ao discorrer sobre essa relação, o arquiteto italiano Vittorio Gregotti, entende que a arquitetura começa com o reconhecimento do lugar em meio à natureza universal e, a partir de sua transformação pela tectônica, estabelece o ato simbólico original de criação de uma nova paisagem humanizada. Assim, também amparado por questões da fenomenologia do lugar e sua relação com a arquitetura, escreve:

*“A origem da arquitetura não é a cabana, a caverna ou a mítica ‘casa de Adão no paraíso’. Antes que um suporte fosse transformado em coluna, um telhado em frontão e pedras amontoadas sobre pedras, o homem pôs uma pedra no chão para reconhecer o lugar no meio do universo desconhecido e, assim, mediu e modificou o espaço.”<sup>1</sup>*

#### relação embrionária

Por esse ponto de vista, a arquitetura e o lugar possuem uma relação embrionária, e com ela são determinados alguns aspectos fundamentais da disciplina: o corpo humano como fator de medição do espaço e a matéria como mediadora existencial entre o ser e o ambiente. Essas ideias, no entanto, nem sempre foram a primeira preocupação de movimentos na história da arquitetura. Em determinado momento do Movimento Moderno, aproximadamente no início da segunda metade do século XX, os paradigmas da industrialização de materiais e de padrões construtivos, assim como o pragmatismo funcionalista na concepção dos espaços, acabavam por provocar a excessiva homogeneização dos ambientes construídos, por onde se perdia uma conexão mais profunda tanto do homem com a arquitetura quanto da arquitetura com o lugar. O debate da época (e até hoje) recorrentemente apontava para a falta de vínculos que a arquitetura, por vezes, estabelecia com seu lugar de implantação e, conseqüentemente, com seus usuários.

Diante desse contexto, não foram raros nos discursos a partir dos anos 1960, posicionamentos contra-atacando tais aspectos modernos. Im-

1 GREGOTTI, Vittorio. Território e Arquitetura. In: NESBITT, Kate (org.). Uma nova agenda para a arquitetura: antologia teórica (1965-1995). São Paulo: Cosac Naify, 2013. p.374.

portados de outros ramos do conhecimento, multiplicaram-se as teorias arquitetônicas pós-modernistas, influenciados por correntes de pensamento como “a fenomenologia, a estética, a teoria linguística (semiótica, estruturalismo, pós-estruturalismo e desconstrucionismo), o marxismo e o feminismo.”<sup>2</sup> Algumas delas, voltaram-se para um historicismo pop e para a semiologia (Robert Venturi, Denise Scott Brown e Michael Graves) na tentativa de solucionar a perda do significado das construções e de sua capacidade de se comunicar com as pessoas. Outras partiram para a problematização da interação do corpo humano com seu ambiente, do estímulo aos diferentes sentidos para a apreensão do fenômeno arquitetônico (visão, tato, audição, olfato, paladar). É o caso tanto da fenomenologia, através das ideias de Christian Norberg Schulz, Juhani Pallasmaa, Peter Zumthor, Steven Holl e Vittorio Gregotti, quanto do Regionalismo Crítico teorizado por Kenneth Frampton e representado por arquitetos como Álvaro Siza, Alvar Aalto, Josep Antoni Coderch, Luis Barragan e Carlo Scarpa.

A fenomenologia aplicada à arquitetura, ou a fenomenologia da arquitetura, tem o intuito de descrever os fenômenos recorrendo à nossa capacidade de percebê-los puramente como são, sem teorias pré-concebidas. Ela busca “a linguagem interna da construção”<sup>3</sup>, isto é, a essência das coisas concretas que compõem o mundo que vivemos. Por exemplo, compreender através dos variados sentidos, o modo com a luz se comporta em contato com diferentes materiais, os sons e os cheiros que marcam determinados ambientes, a textura dos materiais expostos a diferentes condições, dentre outros aspectos perceptivos. Tendo em vista a crise do significado e do sentido da arquitetura, o arquiteto finlandês Juhani Pallasmaa refuta a ideia de retomá-lo por meio da nostalgia e da colagem, representados por tentativas historicista e/ou formalistas superficiais. Para ele, o importante é que os projetos sejam capazes de simbolizar a existência ou a presença humana e, através da atitude fenomenológica, recuperar a capacidade da arquitetura de despertar nossa imaginação. Norberg-Schulz, por sua vez, identifica nesse ponto que a crise da arquitetura contemporânea se deve ao fato de ter conce-

#### fenomenologia da arquitetura

2 NESBITT, op. cit.

3 PALLASMAA, Juhani. A geometria do sentimento: um olhar sobre a fenomenologia da arquitetura. In: NESBITT, Kate (org.). Uma nova agenda para a arquitetura: antologia teórica (1965-1995). São Paulo: Cosac Naify, 2013. p.485.

bido ambientes excessivamente diagramáticos e funcionalistas que não favorecem o habitar.<sup>4</sup> Pautado na análise dos escritos de Heidegger — que, embora nunca tenha escrito diretamente sobre o tema, é bastante discutido por teóricos e críticos da arquitetura, — o arquiteto norueguês pontua que “a arquitetura como uma visão da verdade restabelece a dimensão artística e, conseqüentemente, a significação humana da disciplina”.<sup>5</sup> Sendo assim, com a devida atenção à “coisidade” das coisas, há um retorno ao mundo concreto em detrimento do impasse da abstração científica, representada pela concepção funcionalista moderna.

Em seu ensaio “Perspectivas para um regionalismo crítico”, de 1983, e no capítulo “Regionalismo crítico: arquitetura moderna e identidade cultural”<sup>6</sup>, presente em “História crítica da arquitetura moderna”, revisto nas várias edições do livro em 1980, 1985, 1992 e 2007, Kenneth Frampton expõe seu ponto de vista na busca por uma síntese entre cultura (fenômeno local e particular) e civilização (fenômeno universal e dominante) ao incorporar tanto a teoria crítica da Escola de Frankfurt quanto o interesse no fenômeno específico do lugar.<sup>7</sup> Como afirma o crítico e historiador britânico:

*“O regionalismo crítico parece oferecer a única possibilidade de resistir à avidez dessa tendência [a de reduzir o ambiente à mercadoria]. Seu preceito cultural mais valioso é a criação do lugar; o modelo geral a ser empregado em todo futuro desenvolvimento é o enclave, isto é, o fragmento arraigado contra o qual a incessante inundação de um consumismo alienante, sem lugar, poderá ser posto momentaneamente em xeque.”*<sup>8</sup>

**construção do lugar** O regionalismo crítico não se trata efetivamente de um estilo, mas um

conjunto de estratégias e atitudes que busca a reconexão do ser humano com o lugar. Embora seja compreendido como uma reflexão crítica dos produtos da modernidade, não configura uma total recusa do legado arquitetônico moderno, tão importante em termos emancipatórios e tecnológicos. A postura reúne principalmente os seguintes princípios: ênfase na construção do lugar, mais do que do objeto arquitetônico independente; ênfase na tectônica e na materialidade como resistência à “cenografização” dos espaços; sensibilidade às particularidades da cultura local, da incidência da luz, do clima, dos recursos naturais; compromisso com uma prática contemporânea que não tem a intenção de imitar elementos arquitetônicos vernaculares, mas reinterpretá-los segundo as necessidades atuais.<sup>9</sup>

Portanto, trata-se de adotar uma outra perspectiva para se pensar a arquitetura nos dias de hoje; aquela que coloca o corpo humano como centro das experiências, privilegiando não só o sentido da visão, mas sobretudo os múltiplos sentidos que compõem o arcabouço de nossa percepção. Com essa abordagem, é possível estabelecer uma postura crítica e ativa perante o modo que se concebe a arquitetura atualmente, propulsionando uma leitura do lugar mais assertiva acerca do que ele é e do que ele pode vir a ser.

9 FRAMPTON, 2003, *op. cit.*, p.396-397.

4 NORBERG-SCHULZ, Christian. O pensamento de Heidegger sobre arquitetura. In: NESBITT, Kate (org.). Uma nova agenda para a arquitetura: antologia teórica (1965-1995). São Paulo: Cosac Naify, 2013. p. 461-472.

5 *Ibid.*, p.472.

6 FRAMPTON, Kenneth. História crítica da arquitetura moderna. São Paulo: Martins Fontes, 2003. p.381-397.

7 NESBITT, *op cit.*

8 FRAMPTON, Kenneth. Perspectivas para um regionalismo crítico. In: NESBITT, Kate (org.). Uma nova agenda para a arquitetura: antologia teórica (1965-1995). São Paulo: Cosac Naify, 2013. p. 503-520.



## OS SENTIDOS DAS COISAS

*“A arquitetura é a arte de nos reconciliar com o mundo,  
e esta mediação se dá por meio dos sentidos.”*

PALLASMAA, Juhani. Os olhos da pele. Porto Alegre: Bookman, 2011. p.68.



## recuperar o(s) sentido(s)

O desafio de construir espaços significativos vinculados ao lugar requer atenção redobrada à maneira como as coisas são feitas, às propriedades dos materiais, às qualidades sensoriais e aos elementos simbólicos. A relação estreita entre o fazer e a capacidade de atribuir significado, constitui um gesto fenomenológico cujo alcance vai de encontro “tanto às fórmulas convencionais do modernismo ortodoxo como à superficialidade do historicismo pós-moderno”<sup>1</sup>, de modo que a força comunicativa da arquitetura esteja relacionada mais à tectônica e aos detalhes do que às formas abstratas soltas e diálogos literais.<sup>2</sup> Diante dessa problemática, não se trata somente de recuperar o sentido da arquitetura, mas de recuperar os sentidos a ela relacionados, isto é, reconhecer que a experiência arquitetônica envolve uma gama de interações sensoriais associadas às diferentes capacidades de percepção do corpo. Aí reside a importância de se pensar em uma fenomenologia da arquitetura nos dias de hoje.

Um dos arquitetos mais influentes dessa concepção é, sem dúvidas, Juhani Pallasmaa. O finlandês, autor do livro “Os olhos da pele: a arquitetura e os sentidos”, defende a tese de que, ao longo da história, a cultura ocidental tem privilegiado a visão em detrimento dos outros sentidos, sendo considerada análoga ao pensamento, como é possível perceber através de diversas metáforas do conhecimento ligada a esse sentido. Desde a invenção da perspectiva como método de representação, o olho adquiriu a posição central entre as maneiras de perceber o mundo, impactando na ênfase em regras de composição, ritmo e proporção nos projetos de arquitetura.

Em um mundo contemporâneo cada vez mais acelerado e instável, onde as relações entre o homem e o ambiente da existência se mostram igualmente superficiais e fragilizadas, a visão parece ser o único sentido capaz de acompanhar esse ritmo frenético. O impacto da cultura de imagens em nossas vidas, evidenciado tanto pelo tempo em que passamos assistindo telas dos mais variados tamanhos quanto pelo fluxo de informações publicitárias que somos bombardeados a todo instante, afeta

1 NESBITT, *op. cit.*

2 GREGOTTI, Vittorio. O exercício do detalhe. In: NESBITT, Kate (org.). Uma nova agenda para a arquitetura: antologia teórica (1965-1995). São Paulo: Cosac Naify, 2013. p. 535-538.

potencialmente o modo como experienciamos os espaços do dia-a-dia. Nesse sentido, Pallasmaa reconhece o ponto crítico da atual hegemonia da visão:

*“Em vez de uma experiência plástica e espacial embasada na experiência humana, a arquitetura tem adotado a estratégia psicológica da publicidade e da persuasão instantânea; as edificações se tornaram produtos visuais desconectados da profundidade existencial e da sinceridade.”<sup>3</sup>*

Desse modo, a lógica da arquitetura contemporânea que enfatiza a produção de imagens, associadas a elementos de persuasão e estratégias publicitárias, enfraquece a experiência existencial do homem no espaço por completo. Ao serem reprimidos, os demais sentidos ficam reféns da visão, implicando a perda de valores fundamentais da arquitetura como a plasticidade, a intimidade e a identidade, importantes para uma vivência mais humana nas cidades. A noção de tempo, por sua vez, também se desconfigura em termos lógicos. O excesso de informações, bem como a possibilidade de acesso a qualquer momento a partir de qualquer lugar, provoca a sensação hipnótica de um eterno presente marcado pela instantaneidade e simultaneidade das relações, às quais se tornam difíceis de serem reconhecidas pela ordem em que aconteceram. Em um espaço de intensos fluxos de imagens, torna-se recorrente consequências psicológicas ao espectador que vão desde a sensação de estar à deriva no mundo até a sensação de vertigem, de perda repentina dos sentidos.

Diante disso, a tentativa de reconectar o sujeito ao espaço da existência, isto é, ao seu lugar de significado, tem como resistência a provocação de curtos-circuitos sensoriais capazes de ativar seus múltiplos modos de percepção. Por meio da experiência sinestésica, a mediação entre a subjetividade e os elementos concretos do mundo se faz de modo muito mais potente, revelando lacunas que vão além da apreensão hegemonicamente visual. Para Pallasmaa, por exemplo, enquanto a audição cria uma experiência de interioridade e enriquece o entendimento do espaço como um todo, o olfato pode desencadear memórias há muito tempo engavetadas, através de seus milhares de estímulos. Ou então, a incrível capacidade do tato de reconhecer múltiplas características da matéria,

3 PALLASMAA, 2011, *op cit.*, p.29.

## mundo contemporâneo

como a textura, a temperatura e o peso, pode ainda provocar uma inusitada correspondência às vontades do paladar. Em suma, o que o arquiteto busca é nada mais do que “uma arquitetura de contenção formal com uma rara riqueza de sensualidade que estimula todos os sentidos ao mesmo tempo”<sup>4</sup>, e, ao fazê-lo, reforça a sensação de pertencer a um determinado lugar.

Abordagem semelhante é a do arquiteto suíço Peter Zumthor, especificamente em duas de suas obras intituladas “Pensar a arquitetura”<sup>5</sup> e “Atmosferas”<sup>6</sup>. Ao longo de seus escritos, Zumthor explica os pontos que sempre leva em consideração ao projetar, sem que isso constitua um conhecimento *a priori*, mas um constante ir e vir ao fazer das coisas. Ele preza pelo som do espaço que o envolve, pela qualidade do toque dos materiais e superfícies, pela temperatura do espaço, pelo silêncio, pela escalas de intimidade e, sobretudo, pela tensão entre luz e sombra. O arquiteto relata a importância de retomar imagens da infância como forma de compreender uma experiência espacial genuína, antes de adquirir conhecimentos de arquitetura, além de transitar por referências que extrapolam o âmbito da arquitetura pura e simples. Assim, escreve:

*“Quando me concentro num determinado lugar para o qual devo elaborar um projeto, tento explorá-lo, perceber a sua figura, a sua história e as suas qualidades sensoriais. É então nesse processo do olhar preciso, que começam lentamente a penetrar imagens de outros lugares. Imagens de lugares que conheço e que em tempo me impressionaram. Imagens de lugares vulgares e especiais, cuja figura interiorizo como um arquétipo de determinados ambientes e qualidades. Imagens de lugares ou situações arquitetônicas oriundas do mundo das artes plásticas, do filme, da literatura, do teatro.”*<sup>7</sup>

**responsabilidade** No fundo, pode-se afirmar que, ao capturar a lógica inerente do lugar, existe na tarefa do arquiteto uma espécie de “responsabilidade de

descobrir e revelar as características formais de um sítio, ao lado de suas tradições culturais, clima e aspectos naturais e ambientais”<sup>8</sup>. Reposicionar o corpo humano como centro das percepções torna-se imprescindível na medida em que o mundo e suas relações caminham cada vez mais para a superficialidade das coisas. É o aumento da espessura dessa camada que corresponde ao desafio da arquitetura em, efetivamente, construir lugares de significado.

8 ANDO, Tadao. Por novos horizontes na arquitetura. In: NESBITT, Kate (org.). Uma nova agenda para a arquitetura: antologia teórica (1965-1995). São Paulo: Cosac Naify, 2013. p.497.

4 PALLASMAA, 2011, *op cit.*, p.66.

5 ZUMTHOR, Peter. Pensar a arquitectura. Barcelona: Editorial Gustavo Gili, 2009.

6 ZUMTHOR, Peter. Atmosferas. Barcelona: Gustavo Gili, 2009.

7 ZUMTHOR, 2009, *op. cit.*, p.41.



## A ATMOSFERA DA ROÇA

*“Ali está a nossa casa. Simples, sem voltas, sem retórica. Uma casa em que os espaços foram cuidadosamente examinados, calibrados, pensados, não sobre a base da especulação da construção, mas sobre a base da solidariedade humana; uma casa onde é possível viver, e principalmente pensar (...).”*

BARDI, Lina Bo. Introdução. In: FERRAZ, Marcelo. Arquitetura rural na Serra da Mantiqueira. São Paulo: Instituto Lina Bo e P.M. Bardi, 1996. p.7.



## o lugar de projeto

Após identificar um conjunto de ferramentas e estratégias indicativas para a construção de lugares de significados, parte-se, agora, para um estudo mais aproximado do lugar de projeto propriamente dito, isto é, onde serão propostos os diálogos para a concepção da casa. Tais diálogos serão pautados principalmente acerca dos elementos da cultura local, sejam eles simbólicos ou materiais, atentando-se para produzir uma leitura coerente com as questões contemporâneas da arquitetura e, assim, atribuir o que se espera como a “responsabilidade do arquiteto”. De certo modo, os quatro primeiros capítulos abordam os conceitos de “habitar” e de “lugar” de forma a-histórica e universal, isto é, não estão ancorados a um tempo e espaço específicos. As reflexões filosóficas em torno da existência humana e de como estabelecer significado às suas ações e produções permitiram ampliar o campo de investigação sobre visões de mundo, principalmente através da fenomenologia. Cabe agora, portanto, criar relações entre o que foi apreendido conceitualmente e o lugar histórico e específico.

O projeto se situa em um sítio familiar cuja principal atividade produtiva é o café, localizado na zona rural de Águas de Lindóia-SP. A poucos quilômetros dali, se encontra a divisa com Monte Sião, cidade pertencente ao estado de Minas Gerais. No geral, o clima é agradável e ameno, como é comum nas regiões tropicais montanhosas, próximas à Serra da Mantiqueira. Embora o local não pertença a essa região de maneira objetiva, não se pode deixar de notar os diversos aspectos que se assemelham, devido a sua proximidade geográfica e cultural. Pode-se dizer que há ali um conjunto de cidades ora mineiras, ora paulistas que compartilham as mesmas raízes de costumes e de saberes adquiridos e transmitidos. Tratam-se de municípios pertencentes às regiões de divisa entre o Leste de São Paulo (região de Campinas, de São João da Boa Vista e de São José dos Campos) e o Sul de Minas Gerais, fortemente atrelados à cultura do café, considerado a força motriz das atividades econômicas e do desenvolvimento das cidades.

## técnicas e materiais tradicionais

Do ponto de vista histórico, é interessante observar o modo como a arquitetura dessa região foi se configurando ao longo dos séculos. Decisões como o local de implantação das construções, a configuração espacial, até a escolha dos materiais passaram por diversas transformações que variavam de acordo com as interfaces culturais do “saber-fazer” das populações nativas, dos colonizadores portugueses e, mais tarde

no século XIX, dos imigrantes italianos. Antes da hegemonia econômica do ciclo do café, que passou a conduzir tais decisões devido ao suporte financeiro, a arquitetura paulista era caracterizada principalmente de taipa de pilão, solução lógica decorrente das aptidões da mão de obra local e dos materiais disponíveis no meio ambiente.<sup>1</sup> A técnica construtiva baseada na terra batida e compactada entre fôrmas de madeira, embora garantisse um bom desempenho térmico no interior das casas, por meio de paredes espessas, era bastante sensível à umidade e aos esforços de tração, sendo necessário grandes beirais para evitar o contato direto com a água das chuvas, além de portas e janelas estreitas que não permitiam grandes vãos. A fim de impedir o contato direto com a água das enxurradas, as casas eram implantadas em plataformas ou terraplenos, o que condicionou o traçado urbano, ao longo do tempo, já que as ruas seguiam as curvas de nível. Soluções muitas vezes simples que eram desenvolvidas na medida em que correspondiam às necessidades básicas imediatas, de modo que não fosse possível outra hipótese de construção senão ela mesma. “Daí a vernaculidade sugerida”<sup>2</sup>, evidenciando um modo de vida em que o conhecimento técnico e o meio ambiente se relacionam intrinsecamente.

Com o advento do café, na primeira metade do século XIX, a partir do Vale do Paraíba, e posteriormente se espalhando pela região de Campinas e o Sul de Minas, a nova sociedade estabelecida foi responsável pela busca de uma linguagem que expressasse a nova conjuntura. O historiador da arquitetura, Carlos Lemos, identificou duas linhas de influência que transformaram a arquitetura paulista do período: as ideias trazidas no período pombalino, do final do século XVIII, principalmente a partir da reconstrução de Lisboa após o terremoto de 1755; e as regras de composição neoclássicas introduzidas no Rio de Janeiro por meio da Missão Francesa.<sup>3</sup> Como resultado, foi possível observar a adoção de ornatos variados, janelas mais numerosas e menos espaçadas, predominando mais os vazios do que os cheios, até o limite da materialidade da taipa. Buscava-se uma linguagem que a taipa de pilão não conseguia garantir suficientemente o que desejava exprimir. O desejo de moderni-

1 LEMOS, Carlos. História da casa brasileira. São Paulo: Editora Contexto, 1988. p.41.

2 LEMOS, Carlos. Alvenaria Burguesa. São Paulo: Nobel, 1985. p.26-27.

3 *Ibid.*, p. 29.

zação pela incipiente classe média cafeeira paulista, apesar de produzir um certo vocabulário arquitetônico, como a casa térrea de corredor central, telhados em duas águas sem recortes, varandas e beirais longos, foi consolidar seu dialeto somente com o surgimento da alvenaria argamassada de tijolos anos depois. E, a partir daí, pôde fornecer os insumos necessários para a produção de novos materiais de construção que impulsionaram o desenvolvimento das cidades.

Desse modo, a taipa de pilão foi cada vez mais cedendo espaço para as construções de tijolo de barro cozido, principalmente nas obras ligadas ao ciclo de produção do café, quase sempre acompanhada com pintura à cal, que garantia a brancura e evitava a propagação de insetos, como um desinfetante natural. Assim, afirma Carlos Lemos:

*“Mas foi o café que popularizou o tijolo, a começar pelas obras diretamente ligadas ao beneficiamento daquele produto agrícola. Somente o tijolo permitiria a fácil construção de aquedutos, de muros de arrimo e o calçamento dos grandes terreiros de secagem dos grãos, que, no começo, eram de terra batida, solução má porque, quando em nível, formavam poças de água e lama, quando inclinados provocavam a erosão. De mais a mais, a terra sujava e comprometia o café ali revolido pelos grandes rodos que os escravos empurravam. Depois foi a vez das tulhas, sempre muito altas.”<sup>4</sup>*

#### arquitetura do café

Dentre as manifestações incluídas nessa chamadas “arquitetura do café”, constam os casarões das fazendas de café do interior paulista; as construções de suporte à produção, tais como a tulha e a casa de máquinas, dispostas espacialmente em torno do terreiro; as construções urbanas provenientes da economia cafeeira, como as residências burguesas, as igrejas e as edificações públicas governamentais. Tanto no campo quanto na cidade, é possível observar frequentemente a influência de ideias estrangeiras na concepção projetual desses edifícios, em sua lógica construtiva, nas soluções formais e espaciais, no uso de materiais, além da intenção plástica e estética. Trata-se da arquitetura produzida por um intercâmbio de saberes que busca seguir os princípios clássicos de composição e as discussões no campo da história, da arte e da cultura.

Para o trabalho em questão, essa poderia ser uma possibilidade de diálogo para um projeto de arquitetura contemporâneo, aprofundando-se na análises dessas construções e suas transformações ao longo dos séculos. No entanto, para além dessa arquitetura erudita, este trabalho procura guiar o olhar para outras arquiteturas vinculadas ao café, isto é, atribuir o mesmo valor para a arquitetura popular da região, aquelas construídas por pessoas comuns, sem necessária formação formal em arquitetura. Interessa aqui compreender o modo como o saber popular produz relações potentes entre a materialidade e o ambiente e, assim, consiga criar vínculos profundos com a existência. Uma arquitetura que carrega consigo a complexidade das soluções mais simples e a sofisticação de acordo com as necessidades básicas da vida.

Mais do que a materialidade, é importante compreender o papel social que a casa e as demais construções desempenham no universo da roça, sendo-lhes atribuídas significância tão grande quanto à dos elementos da natureza, como os rios e riachos que passa por perto, as árvores que sombreiam durante a pausa do almoço, o cheiro da terra fértil. A casa carrega consigo a necessidade da intimidade e da convivência, o momento de descanso e recolhimento após longo dia de trabalho, principalmente em torno do fogão à lenha que cumpre duas funções simultâneas: preparo dos alimentos e aquecimento do ambiente interno. Do mesmo modo, ao adentrar o interior das casas, é possível identificar “o verdadeiro significado dos objetos, que não podem ser classificados em ‘utilitários’ ou ‘decorativos’: são os dois ao mesmo tempo.”<sup>5</sup> Do lado de fora, o terreiro de café, além de servir propriamente à secagem dos grãos, é onde acontecem as festas e as confraternizações que variam de acordo com a época do ano, onde se recebe as visitas e se dialoga sobre as questões agropecuárias. Seria, portanto, a “grande sala de estar da casa rural”, através da qual são orientadas as demais construções de apoio, como a tulha, o paiol, o chiqueiro, o depósito de ferramentas e maquinários e o fornhão, todas construídas com materiais disponíveis na própria região, a madeira, a palha, o barro.

A sofisticação das soluções se encontra exatamente em conseguir resolver os problemas construtivos e utilitários de forma simples e eficaz, isto

#### o universo da roça

4 *Ibid.*, p. 40.

5 FERRAZ, Marcelo. Arquitetura rural na Serra da Mantiqueira. São Paulo: Instituto Lina Bo e P.M. Bardi, 1996. p.50.

é, onde cada componente, cada material, cada decisão tem uma razão de ser intrinsecamente lógica baseada nas relações do dia-a-dia. “São os encaixes e travamentos de madeira, o assentamento das pedras, a mistura exata do barro com o estrume de gado e a cal para um reboco, o corte dos mourões da cerca em ponta para que a água escorra, ou a escolha do melhor ponto para a construção da pinguela que transpõe o córrego.”<sup>6</sup> Ou então a implantação da casa, estrategicamente posicionada próximo ao curso d’água e respeitando a declividade natural do terreno, em nível elevado sobre terra firme, sem correr o risco de acidentes naturais, como as enxurradas e a erosão. Esse conjunto de estratégias constitui um valioso repertório arquitetônico, potente em sua capacidade de provocar reflexões que vão desde o uso dos materiais mais adequados para determinados fins, até a importância de compreender que a arquitetura deve sempre corresponder ao modo como as pessoas vivem naquele lugar específico e, assim, os sentidos são atribuídos naturalmente às coisas. É aí que reside a poesia e as lições da arquitetura da roça.

6 *Ibid.*, p.20.





## UMA CASA NO CAMPO

*“Eu quero uma casa no campo  
Do tamanho ideal, pau a pique e sapê  
Onde eu possa plantar meus amigos  
Meus discos e livros e nada mais”*

ZÉ RODRIX; TAVITO. Uma casa no campo. São Paulo: Odeon, 1971. Compacto simples (3 min).







## panorama teórico

Através das discussões acerca dos conceitos de casa, de habitar e de lugar, permeadas pelos cinco capítulos anteriores, foi possível construir um panorama teórico capaz de amparar o desenvolvimento prático do projeto de uma casa, investigando o modo como a arquitetura pode articular tais conceitos na criação de lugares significativos. Embora bastante instigantes, vale a pena pontuar que não há qualquer intenção de produzir uma síntese absoluta de tais discussões em torno do projeto, como se fosse a criação de um novo paradigma do habitar, mas sim explorar as possibilidades que as visões de mundo evocadas tensionam o discurso arquitetônico contemporâneo e o modo de vida que levamos atualmente como sociedade. Por isso, a adoção do título para este trabalho de “uma” casa no campo, e não “a” casa no campo, como se se tratasse de um exemplo definitivo de todo um saber acumulado.

É importante saber dosar o que reter das lições estabelecidas nos capítulos precedentes. Da atitude fenomenológica, apreende-se principalmente a capacidade de questionar e criticar a herança positivista científica do Movimento Moderno, cujos efeitos colaterais podem ser notados em espaços genéricos, excessivamente padronizados e monótonos. Além disso, ter em mente a busca por uma arquitetura que faça sentido com o lugar, que produza relações significativas, não só centrada no predomínio da visão, e que conecte de maneira eficaz nossa existência com as coisas do mundo. A memória tanto das vivências pessoais quanto do saber construtivo local é igualmente relevante, mas não se deve deixar cair num saudosismo imaturo dos símbolos ou numa nostalgia literal, a ponto de imitar formas e padrões, ao invés de ressignificá-los com olhar contemporâneo.

Dos aspectos existencialistas, também vale pontuar que, apesar de abordar estratégias bastante pautadas na subjetividade, a atitude política perante o mundo é imprescindível numa sociedade contemporânea que explora à exaustão os recursos naturais do planeta e corrompe nossa conexão existencial com a natureza. Mais do que pensar os espaços de forma introspectiva, como suporte existencial às reflexões do sujeito e ao bem-estar, a casa também deveria ter o papel de recuperar a ligação do ser humano com o meio envolvente, possibilitando um olhar crítico ao modo como vivemos hoje em dia, sem que caia acidentalmente numa alienação reclusa. Afinal, a casa pode ser compreendida como o produto das decisões de quem projeta com as experiências de quem a vivencia; e

essas experiências são, sobretudo, o que nos molda como sujeitos ativos e pensantes.

Da concepção de lugar, é interessante compreender o modo como seus atributos naturais, culturais, espaciais e temporais se articulam a fim de que seja possível reconhecê-lo como um conjunto singular e, então, incorporar as reflexões no desenvolvimento do projeto de arquitetura. Reconhecer o lugar em que se projeta, por meio da captação de seus elementos concretos e simbólicos, configura a principal estratégia de projeto para quem busca produzir relações significativas entre o objeto arquitetônico e seu entorno. Para além da compreensão da geografia do lugar, isto é, das características naturais, do clima, dos corpos d'água, do solo, da fauna e da flora, tão importante quanto é o estudo da cultura do local. Trata-se de se sensibilizar aos costumes das populações que lá habitam, às arquiteturas e outras produções materiais e ao modo como ambos se relacionam aos ciclos naturais e à tradição popular.

O maior desafio que este trabalho propõe é articular a base teórica explorada com o desenho do projeto, duas linguagens bastante diferentes entre si, mas que, com o apuro e a frequente reflexão crítica, carrega consigo o grande potencial que a arquitetura desempenha, enquanto manifestação de um modo de pensar e de viver o mundo: um posicionamento acerca da nossa existência. Daqui em diante, será abordada a etapa projetual deste Trabalho Final de Graduação, onde serão apresentados os raciocínios que levaram às várias decisões de projeto, as reflexões decorrentes dessas escolhas que extrapolam a materialidade da arquitetura e, finalmente, o produto final através de desenhos, diagramas e outros tipos de representação. O texto passará a ter, em alguns momentos, um tom mais poético e literário, como se remetesse à cultura oral, de quem conta as memórias à medida que vai lembrando dos fatos passados. A ideia é compor uma ambiência do lugar que conecte e misture tais memórias com observações empíricas, como se os atores, os locais e as ações se entrecruzassem em um todo simbólico-concreto.

## projeto como pesquisa





legenda foto



legenda foto



### percurso pelo lugar

O local escolhido para o projeto é um sítio familiar em Águas de Lindóia-SP, divisa com a cidade de Monte Sião-MG, lugar potente e capaz de relacionar memória afetiva com elementos da paisagem circundante. O município paulista, com pouco mais de 18 mil habitantes, é reconhecido por ser uma estância hidromineral e termal cuja atividade econômica predominante é o turismo relacionado às águas, ao clima e à natureza como um todo. Já no município mineiro, são predominantes atividades ligadas ao setor têxtil de produção, principalmente confecção de malhas e tricot. O panorama geral da região é um horizonte composto por mares de morro que dão o tom predominantemente esverdeado da paisagem, serpenteada por estradas de terra ou recentemente asfaltadas que levam a vilarejos e pequenas comunidades rurais. A composição de cores, por entre os diversos tons de verde, salta aos olhos, através de sua vivacidade, como o marrom-avermelhado da terra, o azul límpido do céu e o bege do cascalho presente em alguns caminhos. A chegada do asfalto indica que a dualidade campo-cidade se encontra cada vez mais dissolvida no mundo contemporâneo, de modo que seja possível percorrer os pouco mais de 10 quilômetros que separam os centros das duas cidades até o sítio em menos de 20 minutos. Quem chega por Águas de Lindóia vê à sua esquerda o imponente Morro Pelado, acidente geográfico coberto por resquícios da Mata Atlântica, que marca o limite entre ambos os estados. Quem vem de Monte Sião se depara com o limite urbano que, através de novos loteamentos, se dissolve em relação à tímida zona rural nesse trecho da cidade. A vegetação de matas nativas, juntamente com áreas de pastagens para a pecuária e plantações de café, milho, verduras, legumes e frutas, se fundem em harmonia sinestésica, por meio da qual as visões, os cheiros e os sons remetem a vivências por ali. A água fresca e cristalina, tão importante para o desenvolvimento da região, se apresenta por meio de diversos cursos d'água, lagoas, poços e minas, quase sempre em propriedades particulares.

Em um percurso por seus interiores, é possível observar algumas preexistências que contam a história do lugar. A gleba foi adquirida nos anos 1970, pelo meu avô, Aguinaldo José Comparini, principalmente para o cultivo de café, o que predomina até hoje. Após seu falecimento em 2021, o sítio se dividiu em duas propriedades, uma pertencente ao meu tio, João Baptista, e outra a meu pai, Ruy Aguinaldo. É nesta propriedade que o projeto será desenvolvido. Logo antes de acessar o sítio pela porteira, encontra-se, à esquerda, a capela que serve à comunidade do

entorno para as missas semanais e as festas religiosas ao longo do ano. Ao entrar pelo caminho de terra, avista-se bem à frente o pequeno lago responsável pelo fornecimento de água para irrigação das plantações. À direita, observa-se a casa principal, construída logo após a aquisição do sítio, junto ao terreiro por onde se faz a secagem do café após a colheita, até que esteja apropriado para prosseguir no processo de beneficiamento. A casa principal possui elementos tradicionais da arquitetura vernacular rural dessa região ligada ao café, como o telhado em duas águas, a varanda, o forno à lenha, as paredes caiadas e as portas e janelas em madeira pintadas de azul. Adiante, em direção à mata nativa, há uma mina responsável pelo abastecimento da casa principal e das demais casas recém-construídas: uma ao lado da capela e outra, mais ao interior do sítio. Pelos caminhos de terras podem ser avistados outros elementos que compõem a tradição construtiva local, como o chiqueiro, o curral, o galpão para armazenamento de maquinário e um terreiro de café mais antigo, atualmente inutilizado devido a questões de produtividade da gleba. A partir desse ponto, é possível olhar as plantações de café de tempos mais recentes ou mais antigas, a horta num claro esverdeado e os limites da propriedade morro acima, marcado pela cerca de arame farpado ou pelos eucaliptos enfileirados.

Nessa região, as estações do ano são marcadas por ritmos que se associam a determinados costumes típicos da população local. O verão, época de muitas chuvas e temperaturas quentes, dá esperança à produtividade das plantações e ao abastecimento suficiente de água para a estiagem. O outono, com chuvas mais esparsas e clima mais agradável, traz o leite das árvores frutíferas, como o caqui, a mexerica e a goiaba. O clima ameno e seco do inverno serve de palco para festividades nas quais o fogo ganha destaque como elemento de integração e convivência. A primavera marca o retorno da coloração, quando a Terra se inclina mais em relação ao Sol, os dias se tornam mais longos e as noites mais frescas.

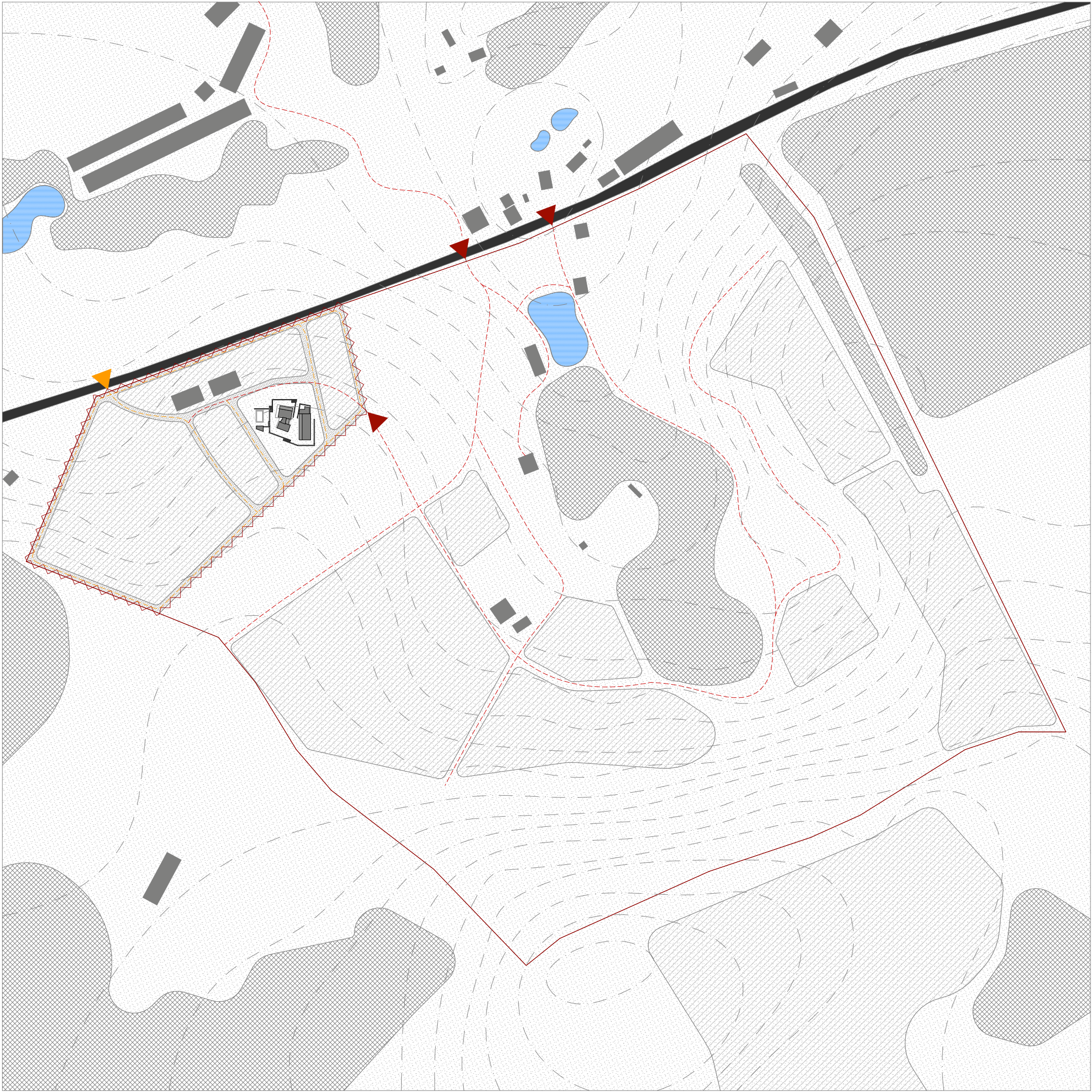
Diante da potência de suas qualidades sensoriais, o lugar é capaz de proporcionar diversos estímulos aos sentidos, que se misturam de acordo com a experiência. Trata-se da intersecção com memórias que se relacionam não só ao lugar físico, vivenciadas ao longo da infância, mas ao lugar simbólico que envolve as pessoas e os hábitos praticados por esse entorno familiar, não necessariamente ocorridos no sítio. O som dos pás-

saros pela manhã, como o bem-te-vi e a andorinha, se associa instantaneamente ao cheiro do café que é passado pelo filtro de pano, há tempos manchado de história e sabor, tomado junto com o pão com manteiga fresca. O plano de fundo quase sempre é o Morro Pelado, onde quer que esteja, na cozinha ou na varanda. Quase na hora do almoço, pausa para hidratação na bica. Polenta com frango ou ossobuco e doce de abóbora de sobremesa. Diante do lusco-fusco, já no fim da tarde, a visão se turva, tornando difícil a percepção dos elementos externos, exceto as silhuetas do morro e de algumas árvores. É a hora que os demais sentidos ganham potência, sendo bastante notado o cheiro da dama-da-noite, o canto das maritacas, principalmente no verão, que se relacionam à pausa para o bolo de fubá com goiabada recém saído do forno. Noite adentro, o palco é dominado pelo som dos sapos e das cigarras que, apesar de parecerem incômodos ou causarem certa repulsa, proporcionam a tranquilidade necessária para uma boa noite de sono e sonhos.



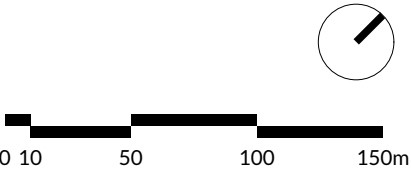




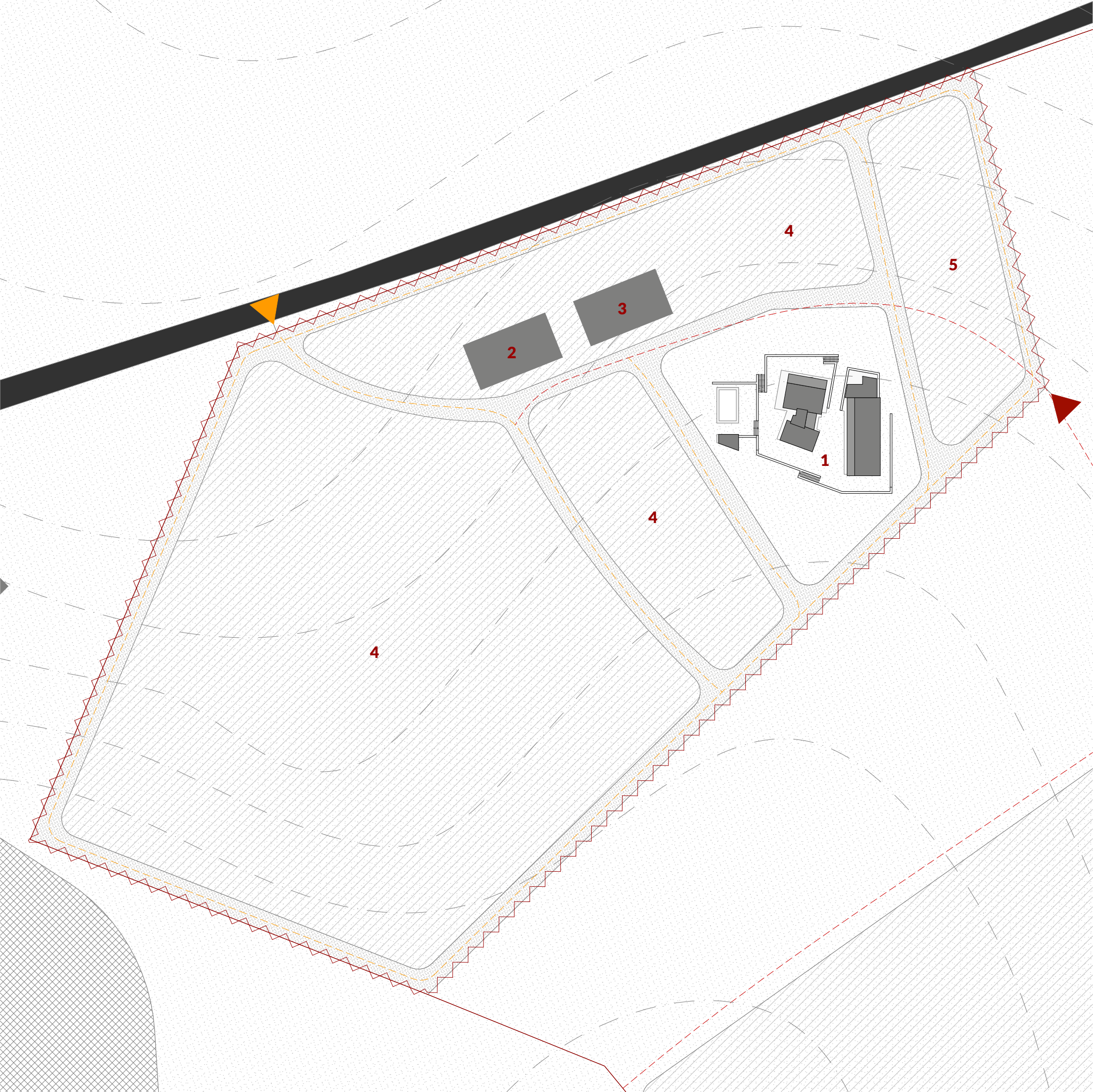


- GLEBA DE PROJETO
- GLEBA ORIGINAL
- CAMINHO EXISTENTE
- CAMINHO NOVO
- ACESSO EXISTENTE
- ACESSO NOVO
- AGRICULTURA
- VEGETAÇÃO NATIVA
- PASTAGEM
- CONSTRUÇÃO
- CORPO D'ÁGUA

PLANTA DE SITUAÇÃO



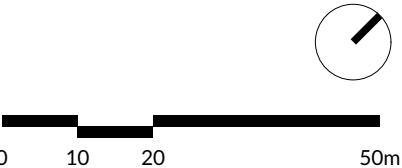




- 1. CASA
- 2. GALPÃO
- 3. TERREIRO
- 4. PLANTAÇÃO DE CAFÉ
- 5. HORTA

- GLEBA DE PROJETO
- GLEBA ORIGINAL
- CAMINHO EXISTENTE
- CAMINHO NOVO
- ACESSO EXISTENTE
- ACESSO NOVO
- AGRICULTURA
- VEGETAÇÃO NATIVA
- PASTAGEM
- CONSTRUÇÃO
- CORPO D'ÁGUA

PLANTA DE SITUAÇÃO



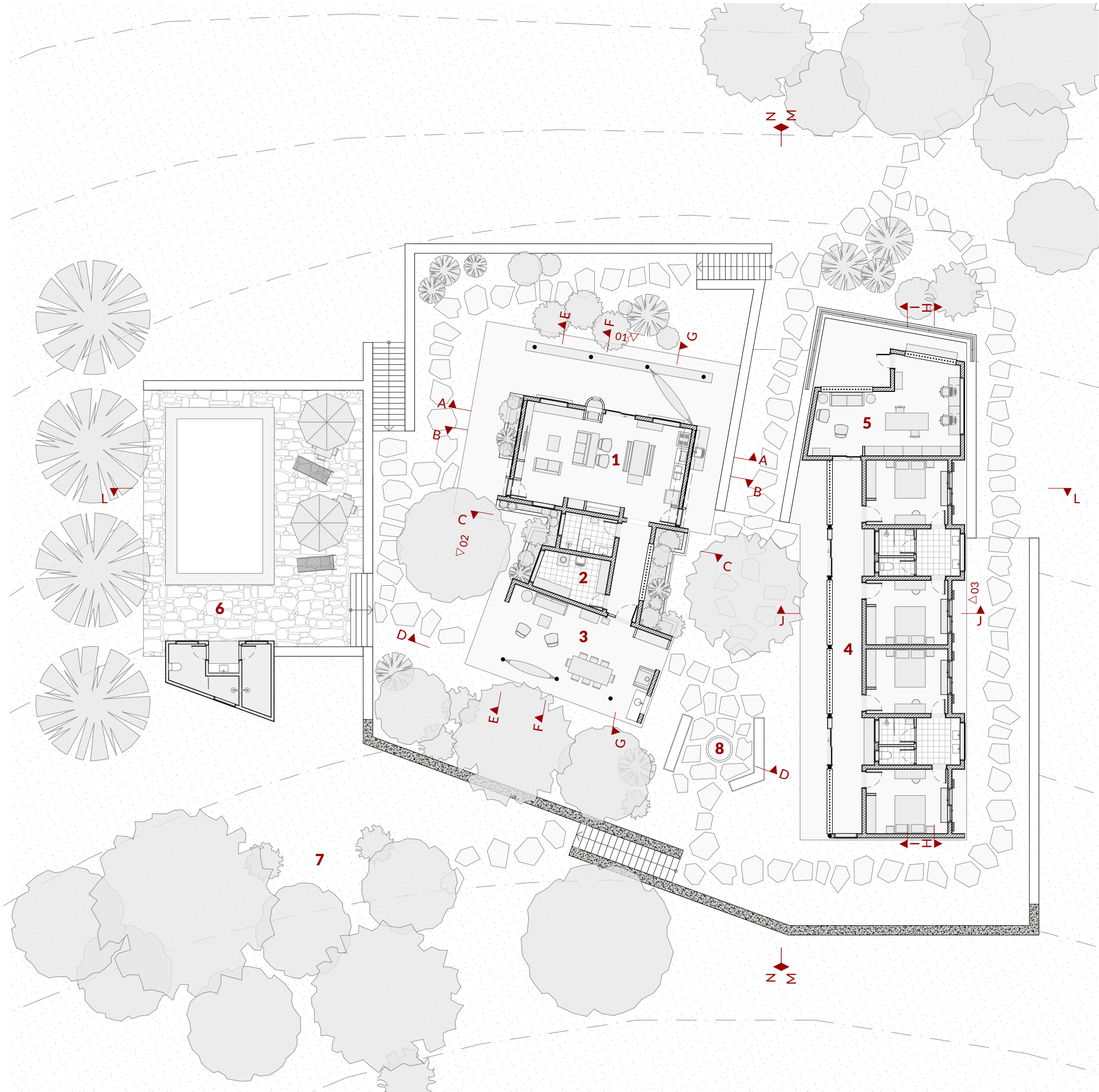














CORTE LL

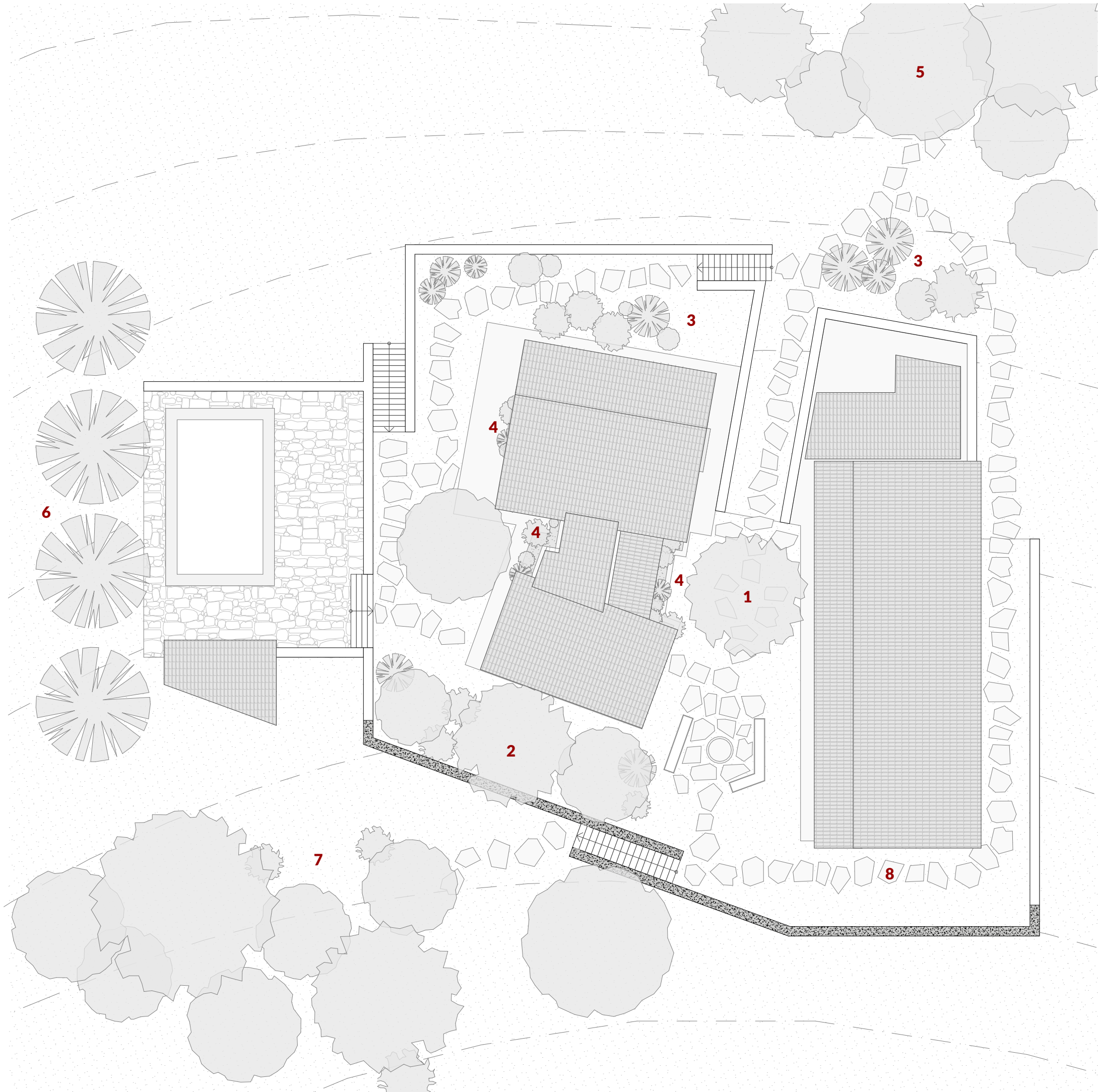


CORTE MM



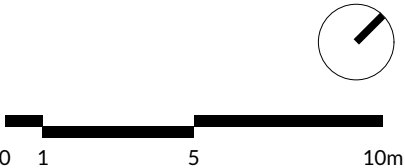
CORTE NN





- 1. IPÊ AMARELO
- 2. VEGETAÇÃO ARBUSTIVA
- 3. VEGETAÇÃO HERBÁCEA E FORRAÇÃO
- 4. FLOREIRA
- 5. VEGETAÇÃO ARBÓREA DE PEQUENO PORTE
- 6. PALMEIRA
- 7. ÁRVORES FRUTÍFERAS (POMAR)
- 8. CACOS DE PEDRA MINEIRA

PLANTA DE PAISAGISMO





## o projeto da casa

O acesso principal se faz pela porção sudoeste da gleba, trecho onde a cota de nível mais se aproxima da estrada, sendo necessária pouca movimentação de terra para a transição entre a via pública e a propriedade privada. O caminho traçado a partir da entrada se encontra com um antigo carreador que, embora inutilizado há alguns anos, permite a circulação de maneira suave sem percursos excessivamente íngremes, até a área da casa, passando pelas plantações de milho e de café, pela horta, pelo área do futuro galpão para processamento e beneficiamento de café e do futuro terreiro. Outro acesso se dá por meio da propriedade vizinha, pertencente ao meu tio, que poderá ser fechada caso eventualmente uma das propriedades venha a ser vendida.

A implantação da casa corresponde à tentativa de produzir relações sensoriais com o entorno, seja pela capacidade de proporcionar pontos de vista específicos, seja pela apreensão do espaço através dos outros sentidos, como o olfato e o tato. Foi escolhida uma porção do terreno que fosse ao mesmo tempo alta, com grande amplitude visual, e relativamente plana, com menor impacto de movimentação de terra. Adotou-se como solução a articulação do programa doméstico por meio de volumes distintos que se articulam entre si tanto pela própria geometria quanto por elementos não construídos, como o jardim e os espaços de convivência externos. Cada volume pode ser associado a um programa da casa: o volume social (sala e cozinha), o volume hidráulico (banheiro e área de serviço), o volume de lazer (churrasqueira e entorno da piscina), o volume de descanso (quartos), o volume lúdico (atelier). Estrategicamente, a disposição em volumes independentes corresponde à ideia de se construir a casa em três etapas sucessivas, a serem efetuadas em tempos distintos. Por razões de ordem econômica e de planejamento da obra, em um primeiro momento, será construída a área de convivência da casa; em seguida, parte da área de descanso, com dois quartos e banheiro; por fim, o atelier e o restante dos dormitórios. Assim, o conjunto se organiza todo em um mesmo nível, comunicando-se por meio de escadas entre muros de arrimo até a estradinha de acesso principal, morro abaixo, e até o pomar e as demais plantações, morro acima.

O bloco que contempla a sala de estar, a sala de jantar e a cozinha volta-se ao norte, com leve inclinação a oeste, sentido que se localiza o Morro Pelado e sua vista mais ampla. Concebido como um espaço único, sem divisórias internas, a solução traz a ideia do fogo como elemento

de socialização, ao propor uma lareira próxima ao centro, de modo que as atividades como cozinhar, comer, conversar e se entreter possam ser estabelecidas dinamicamente. A presença de aberturas (portas e janelas) nas quatro paredes desse volume garante bom aproveitamento da iluminação e da ventilação, permitindo maior controle do usuário a depender da época do ano. Nas paredes laterais, onde se localizam ora a sala de estar (a oeste), ora cozinha (a leste), a proposta de um brise horizontal sob as janelas basculantes altas cria uma iluminação difusa no interior do volume, ao refletir a luz do Sol para a cobertura inclinada. A ideia evita o ofuscamento da visão de quem desfruta das atividades de convivência, já que tais paredes e brises se encontram justamente voltadas aos sentidos em que o Sol mais se inclina. A varanda, logo adiante desse volume, marca o intervalo entre o espaço externo e interno e se comunica com a casa por meio de grandes janelas e porta de vidro. O elemento de destaque é um banco de concreto aparente, cujos apoios afloram da própria fundação da casa e, conseqüentemente, servem de base para quatro pilares de eucalipto roliço que sustentam uma cobertura leve e independente.

O mobiliário, majoritariamente composto em alvenaria e concreto, além de apresentar maior durabilidade para uma casa de campo, exposta às intempéries, busca articular diferentes funções através de pequenas estratégias construtivas: o banco de concreto interno que serve igualmente de apoio à TV e aparelhos; o banco de concreto externo, na varanda, que funciona como uma espécie de guarda-corpo; a contra-verga das janelas frontais que, alargadas em alguns centímetros permite o apoio de copos e vasos de ervas e pequenas hortaliças para temperar os alimentos.

O acesso da área interna da casa até a área externa coberta se dá por um corredor com vista ao jardim entre os blocos. À direita, encontra-se o núcleo das áreas molhadas da casa, por onde se concentram as tubulações em uma só parede que divide o banheiro da área de serviço. Voltada para o sul, a área de convivência externa, com churrasqueira e sala de estar, se articula com o interior do sítio ao trazer pontos de vistas que dão para as plantações de milho e de café existentes, além de um pomar a ser cultivado ao longo do tempo.

Orientados ao nascente, de modo que seja possível receber a luz do sol da manhã que aquece após uma noite fria, foram posicionados os quar-

tos e o atelier em bloco autônomo. De lá é possível ver os eucaliptos que dividem a propriedade, o lago, a capelinha da comunidade e a cidade de Monte Sião-MG ao fundo. Na face oposta, ao poente, se dá o corredor de acesso aos cômodos cujo fechamento lateral é composto por ripas roliças de eucalipto não aparelhadas, por meio do qual entra uma luz dançante e ritmada. A cada dois quartos, um banheiro é compartilhado, de forma que seja possível o uso simultâneo e independente dos diferentes elementos: vaso sanitário, chuveiro e lavatório. As janelas dos quartos com peitoril baixo permitem a conformação de um banco internamente aos quartos, para apoiar funções básicas do dia-a-dia, como o calçar dos sapatos ou o repouso pós-almoço.

De um lado, o espaço de lazer se prolonga até a piscina, o vestiário e a sauna. De outro lado, uma lareira externa abraçada por dois bancos de concreto. No mesmo eixo do fogo, com a paisagem do Morro Pelado ao fundo, se encontra um ipê amarelo que fora plantado pelo meu avô há mais de dez anos. A muda havia sido uma lembrancinha que ganhei na escola onde estudava, em Monte Sião, e que havia pedido a ele para que plantasse no sítio. Após anos sem saber onde havia sido colocada a muda, encontrei-a próxima ao terreiro de café antigo, com pouco mais de 2m de altura. Antes disso, soube que o ipê demorou a crescer, por conta de fatores climáticos e de solo, e estava em outro local, próximo à casa recentemente construída do meu tio. Devido às movimentações de terra para sua construção, ele foi replantado ao lado do terreiro. A ideia, portanto, seria proporcionar a esse ipê todas as condições possíveis para seu desenvolvimento, dessa vez replantado por entre os dois blocos principais da casa, de modo que o conjunto simbólico do fogo, do ipê e do morro conforme um eixo que representa a memória do meu avô: uma homenagem que a cada ano se transforma e é testemunha ao mesmo tempo dessa transformação.

No geral, os espaços externos são compostos por caminhos de cacos de pedra mineira assentados de forma espaçada entre superfícies de grama, folhagens, herbáceas e pequenos arbustos lenhosos, com ampla variedade de coloração de folha e flores. Foram selecionadas preliminarmente algumas espécies, de acordo com seu comportamento em condições específicas e que dispensam, em sua maioria, constante manutenção. Forrações de sombra como o lambari-roxo, o clorofito, o singônio, a grama preta e o amendoim rasteiro ajudam a compor diferentes percur-

sos em tons de verde, branco amarelo e roxo. Espécies herbáceas como a bromélia, a costela-de-adão, o guaimbê, o pacová, a espada-de-são-jorge e a helicônia alta podem fazer parte das floreiras estrategicamente posicionadas sob áreas de retenção de água de chuva. De forma mais livre, alguns arbustos de pequeno porte contribuem para a diversidade de cores e texturas com suas flores e folhas, como a dracena vermelha, o hibisco, o agave, a azaleia e o gengibre-azul. As palmeiras também entram em cena, próximas à área da piscina, como a palmeira-de-bismarck e o jerivá, contrastando com o horizonte de mares de morro. Para o pomar, foram escolhidas espécies que já foram cultivadas no sítio tempos atrás, cujos frutos se tornam maduros em diferentes estações do ano, como o caquizeiro, a mangueira, o abacateiro, a pitangueira, o limoeiro, a goiabeira e a jabuticabeira.

Os materiais propostos foram escolhidos tendo em vista algumas motivações: a disponibilidade da região, a capacidade da mão-de-obra local e as tentativas de diálogos com a tradição construtiva. Por isso, o uso principal do tijolo de barro maciço cujas paredes em alvenaria garantem bom desempenho térmico no interior da casa e ainda podem apresentar ampla composição de paginação, além de blocos cerâmicos furados, nas paredes com passagem de tubulações. Outros materiais naturais como a pedra mineira para pisos e o eucalipto roliço tratado para a estrutura da varanda e da área de lazer externa, buscam trazer o aspecto bruto do próprio material, sem passar por aparelhamento. Do mesmo modo, os pilares e vigas em concreto aparente, presentes somente nos locais em que são necessários maiores vãos para a instalação dos caixilhos, entram na mesma linguagem proposta. As coberturas, ora em telha de barro nas áreas sociais, ora em trama de bambu nas áreas de circulação, permitem equalizar a necessidade de conforto, no primeiro caso, no qual há ainda forro de madeira e manta térmica entre caibros e ripas; e controlar a filtragem de luz natural, no segundo caso.

diagrama de programa

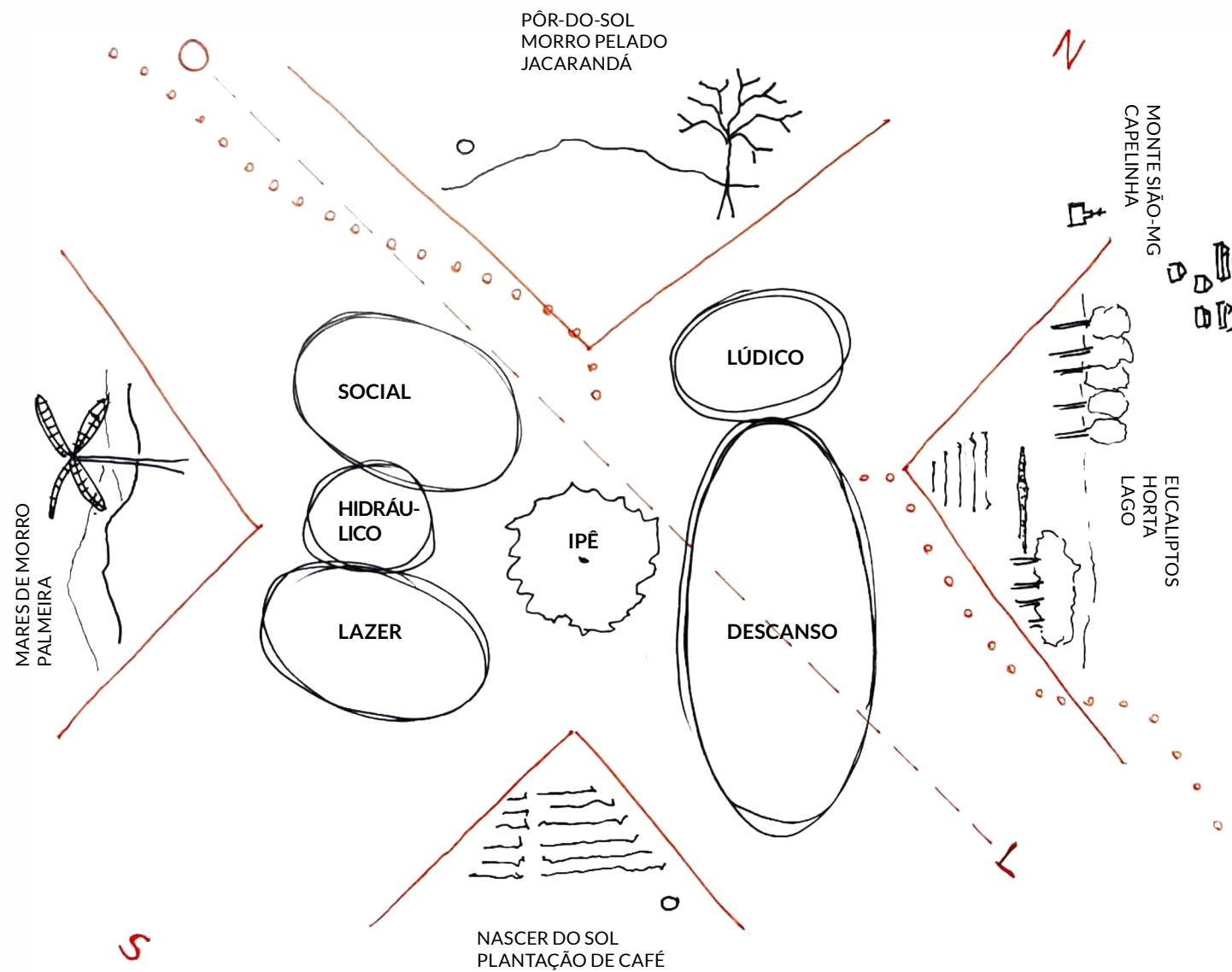
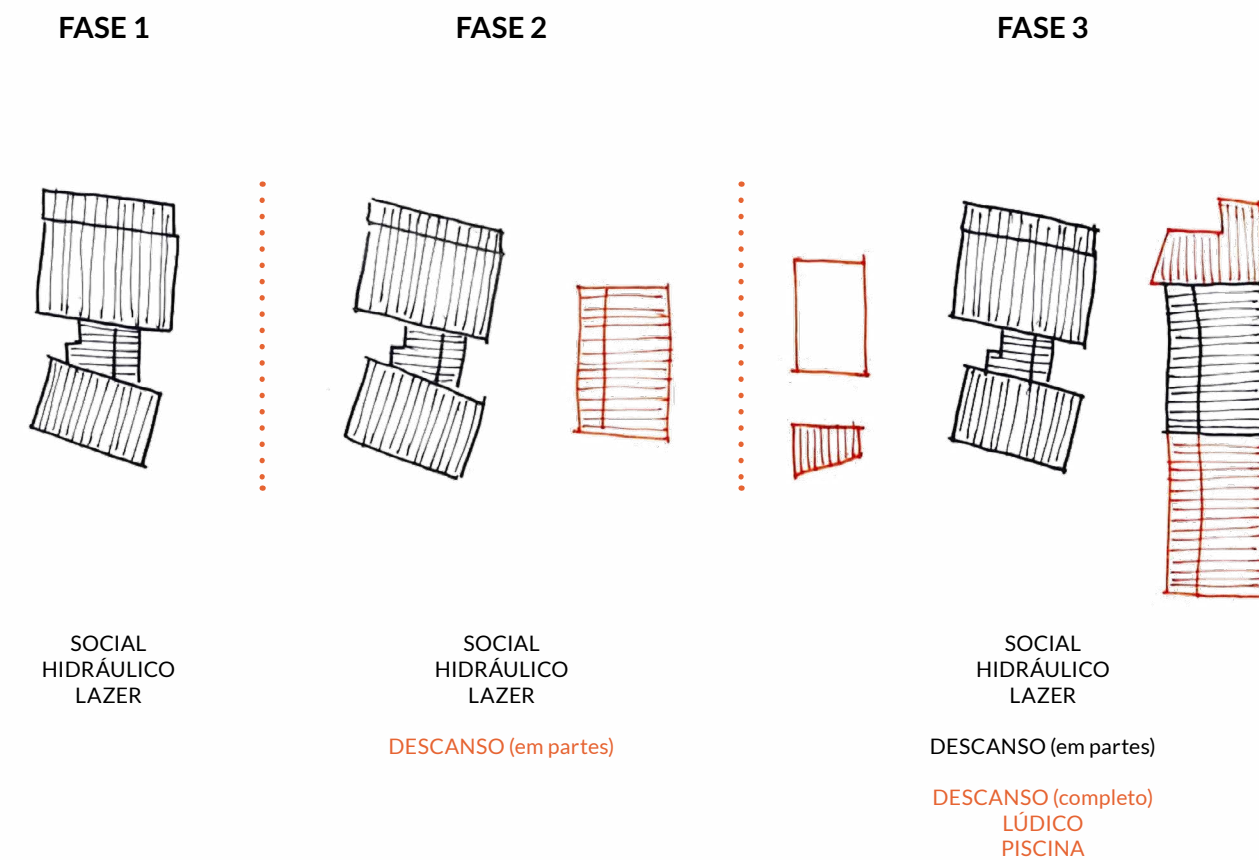
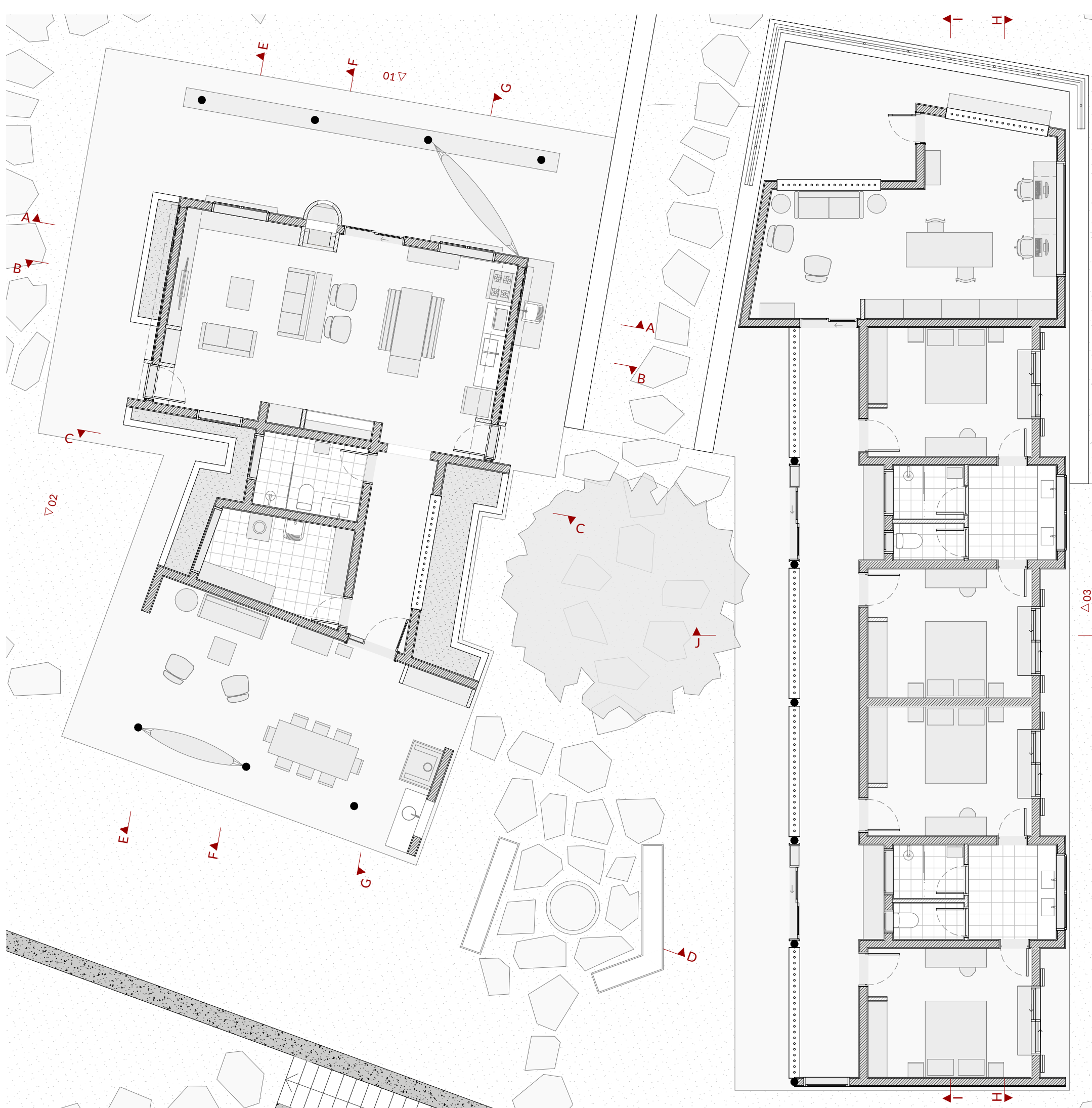


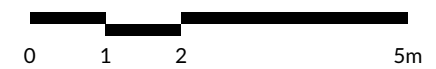
diagrama de faseamento







PLANTA TÉRREO



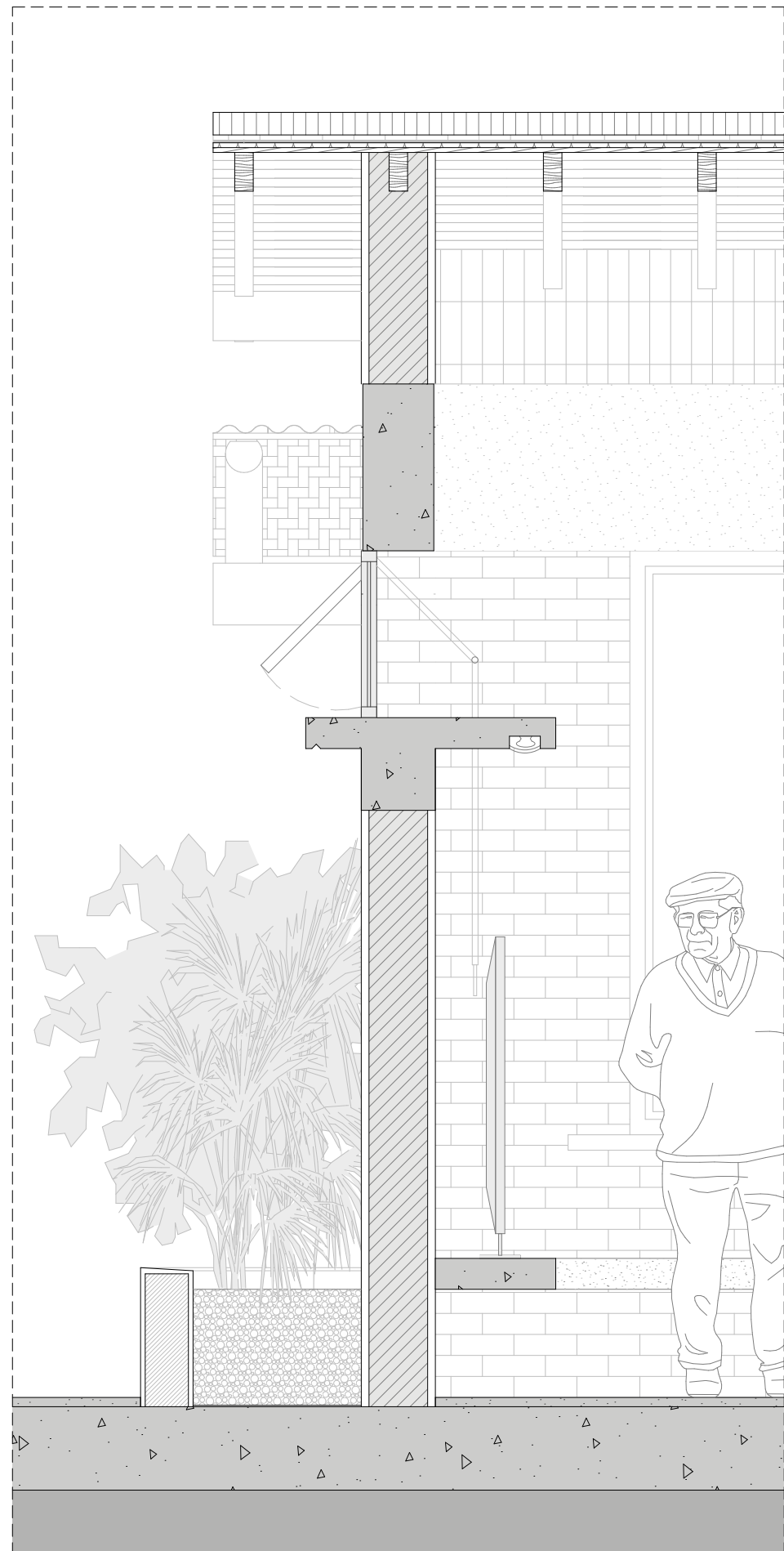


CORTE AA



CORTE BB

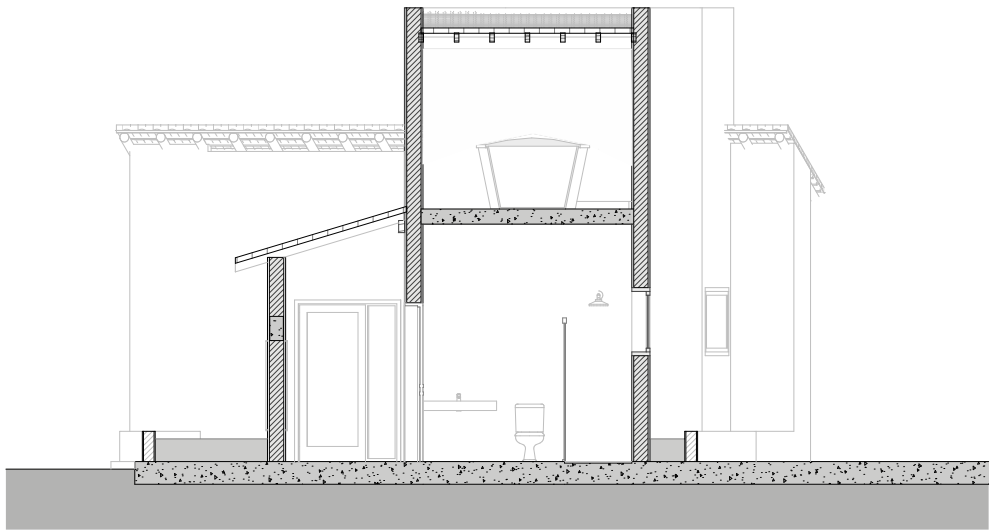




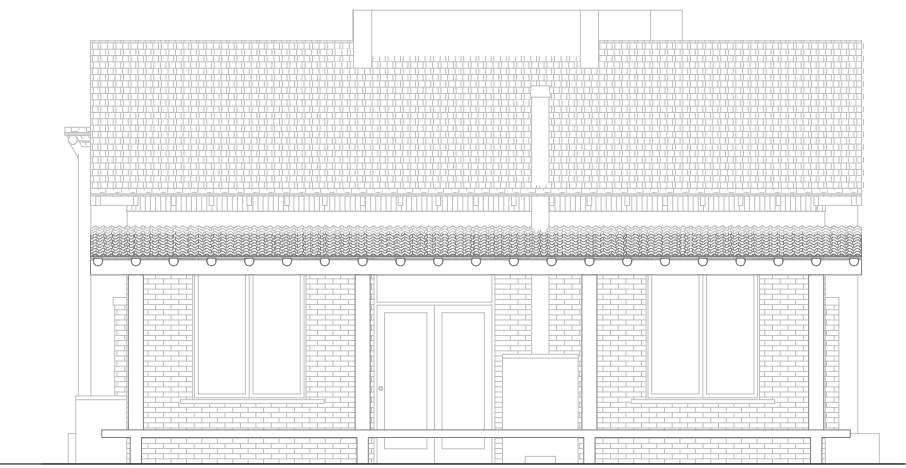
DETALHE 02

0 .10 .50 1m

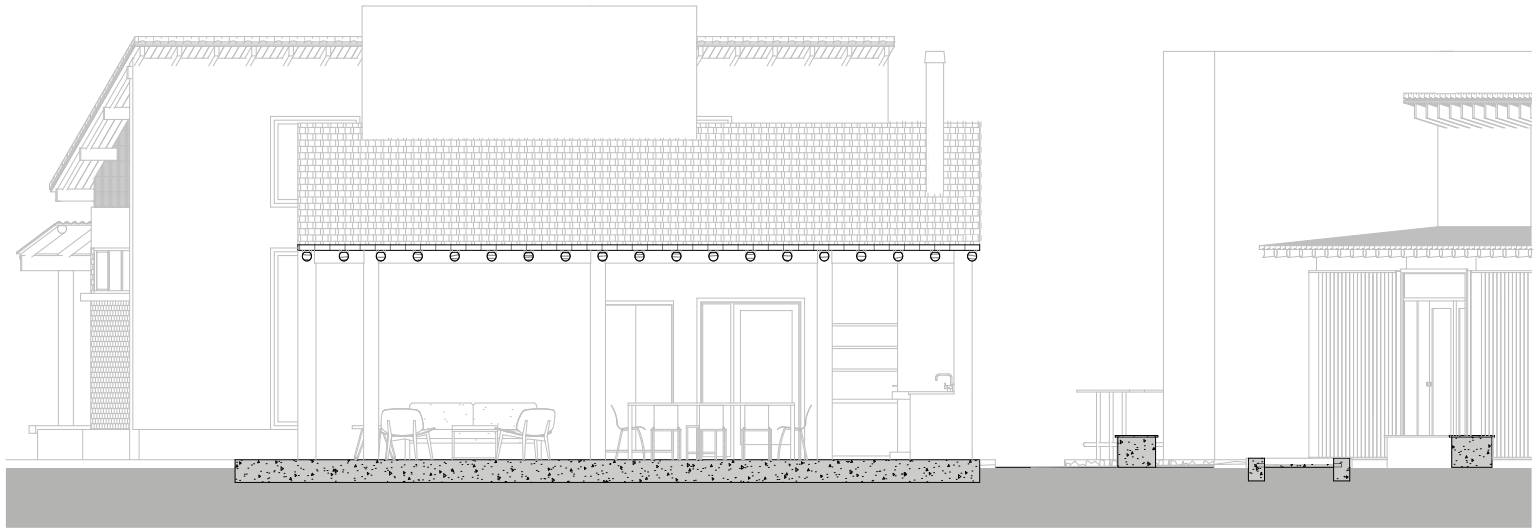




CORTE CC

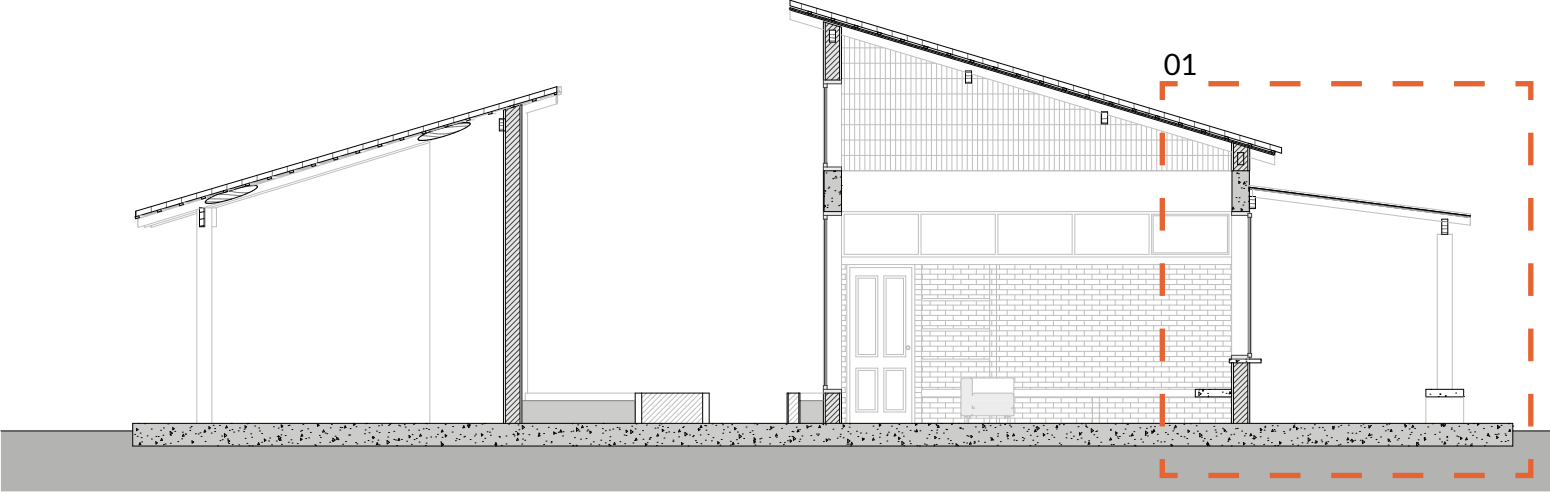


ELEVAÇÃO 01

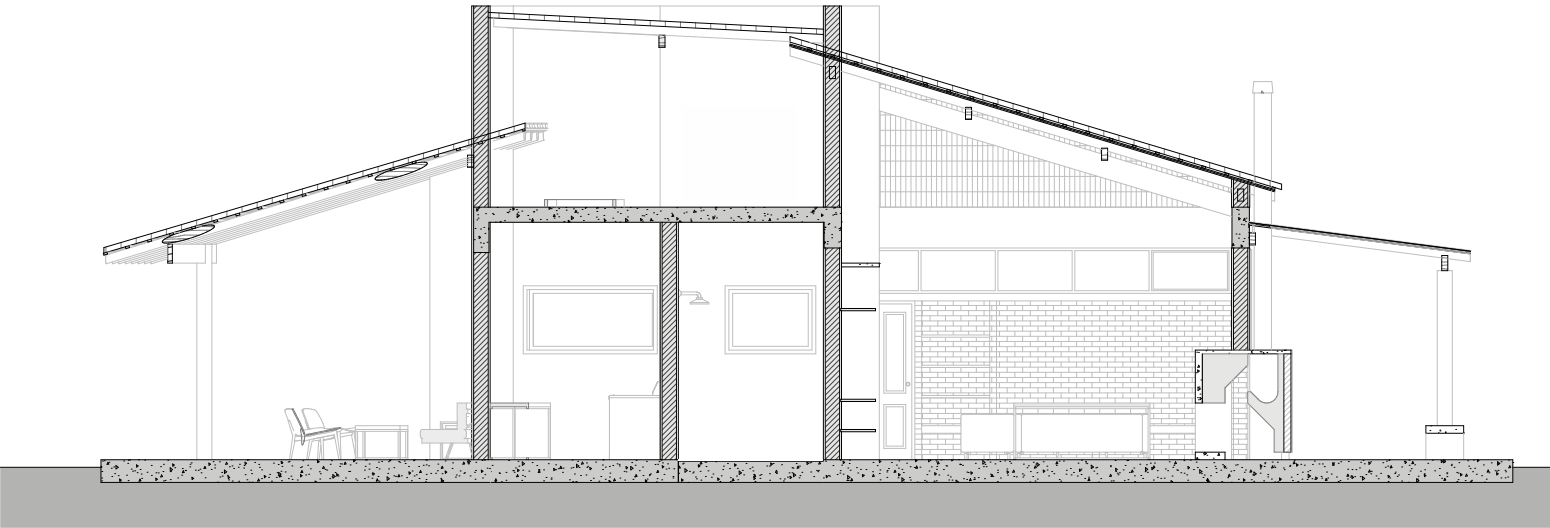


CORTE DD



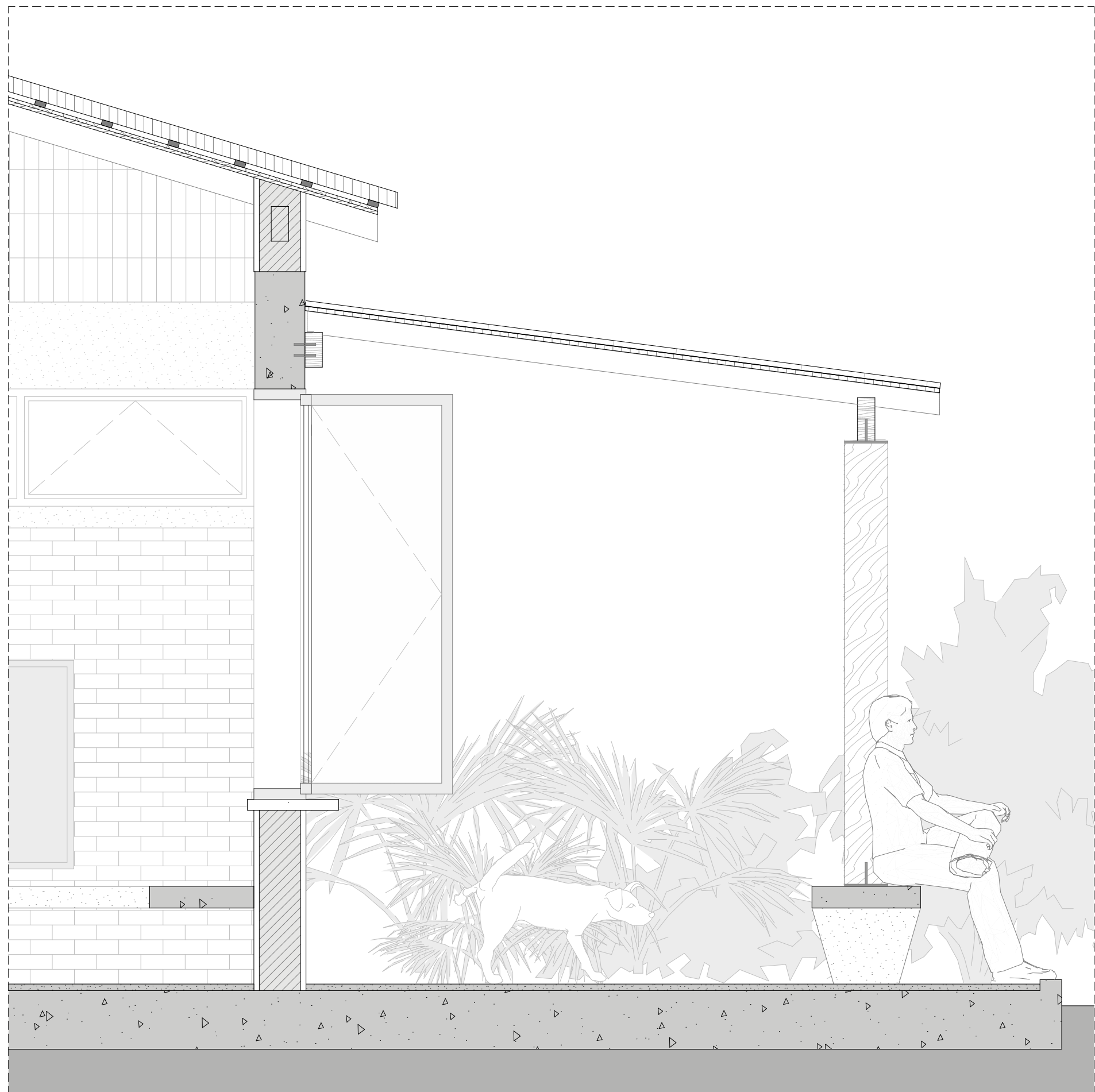


CORTE EE



CORTE FF

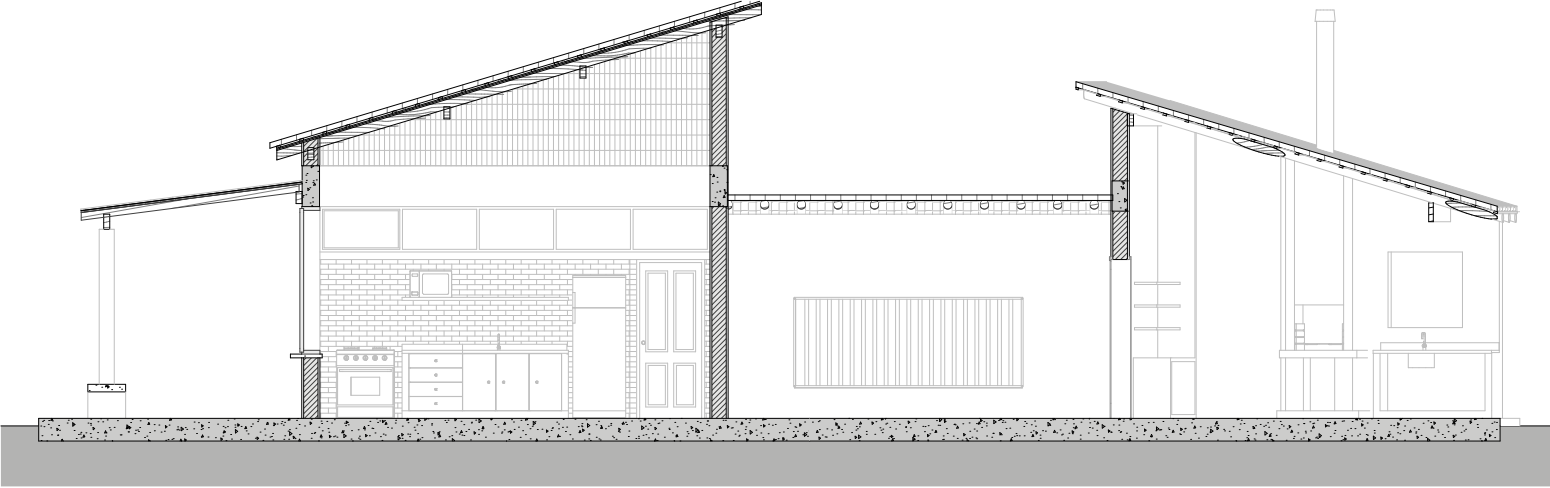




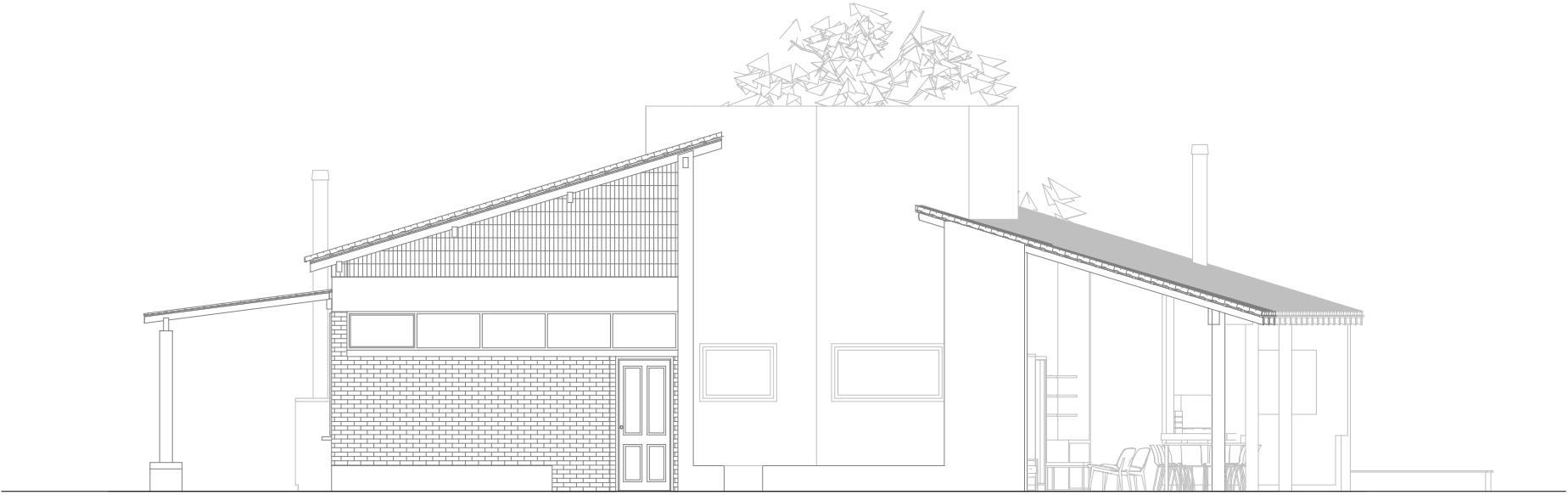
DETALHE 01

0 .10 .50 1m



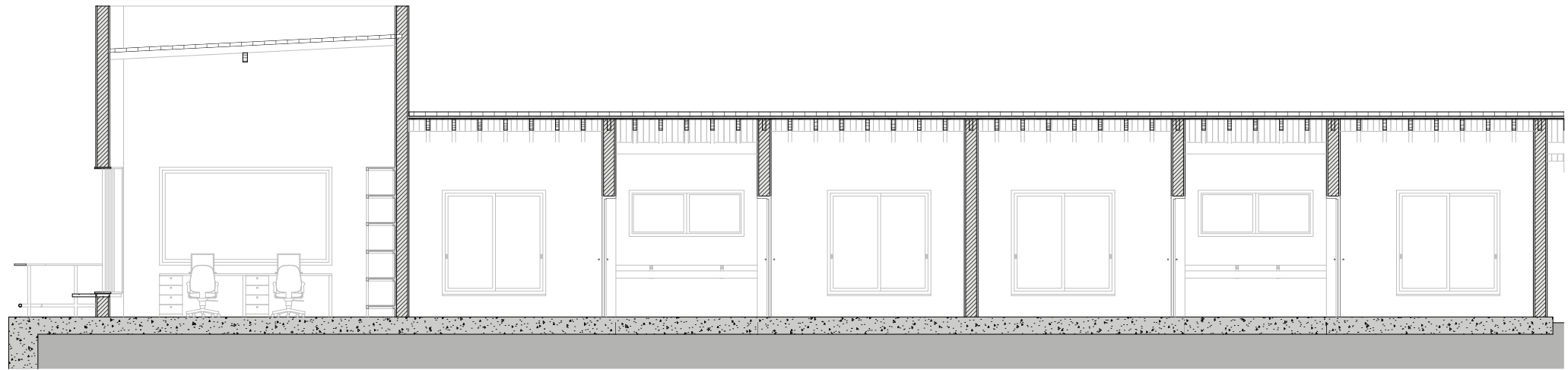


CORTE GG



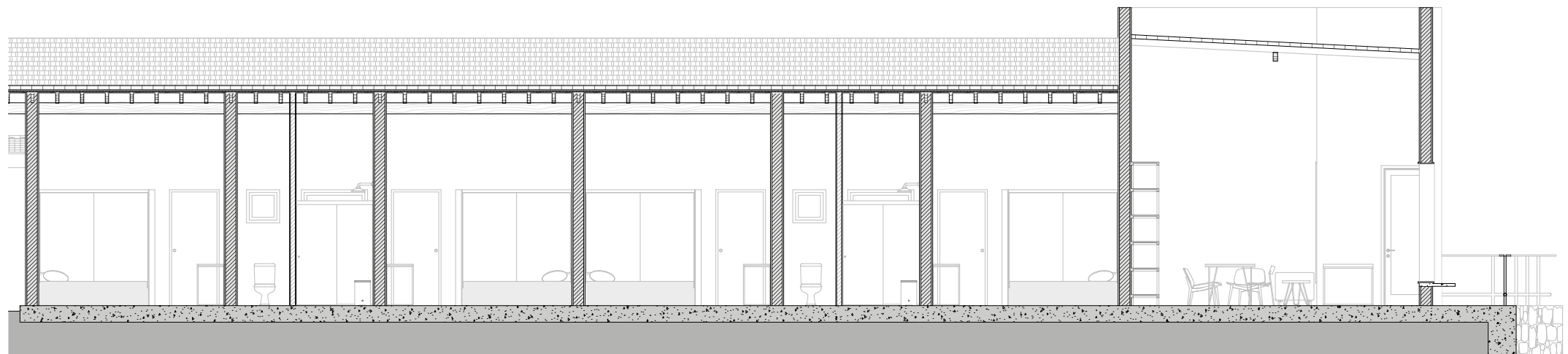
ELEVAÇÃO 02





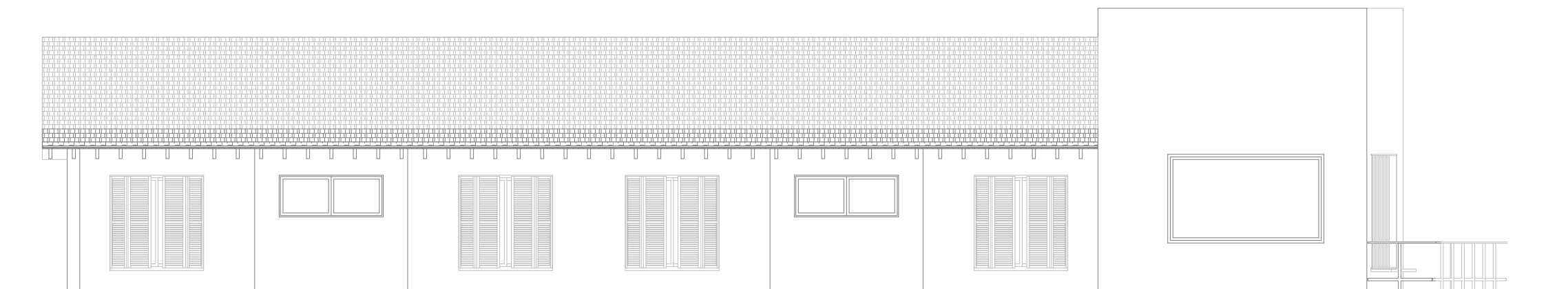
CORTE HH

0 1 2 5m

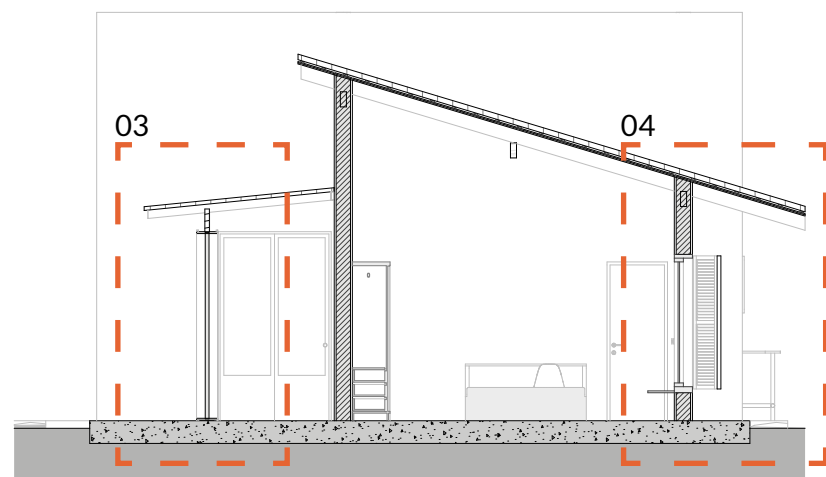
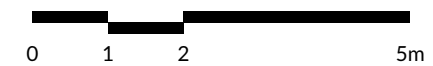


CORTE II

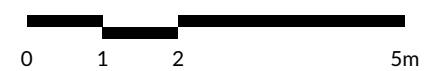
0 1 2 5m



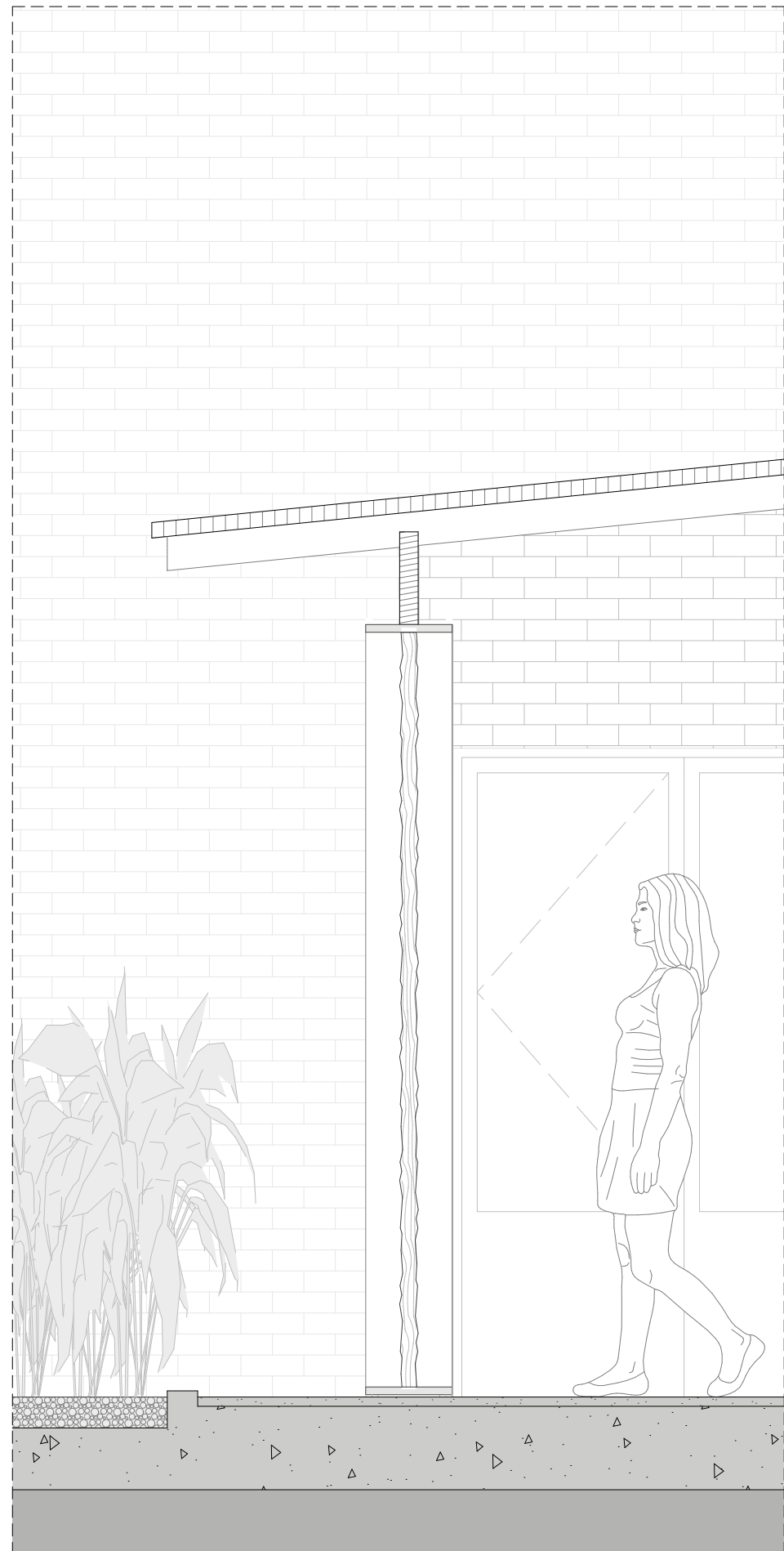
ELEVAÇÃO 03



CORTE JJ

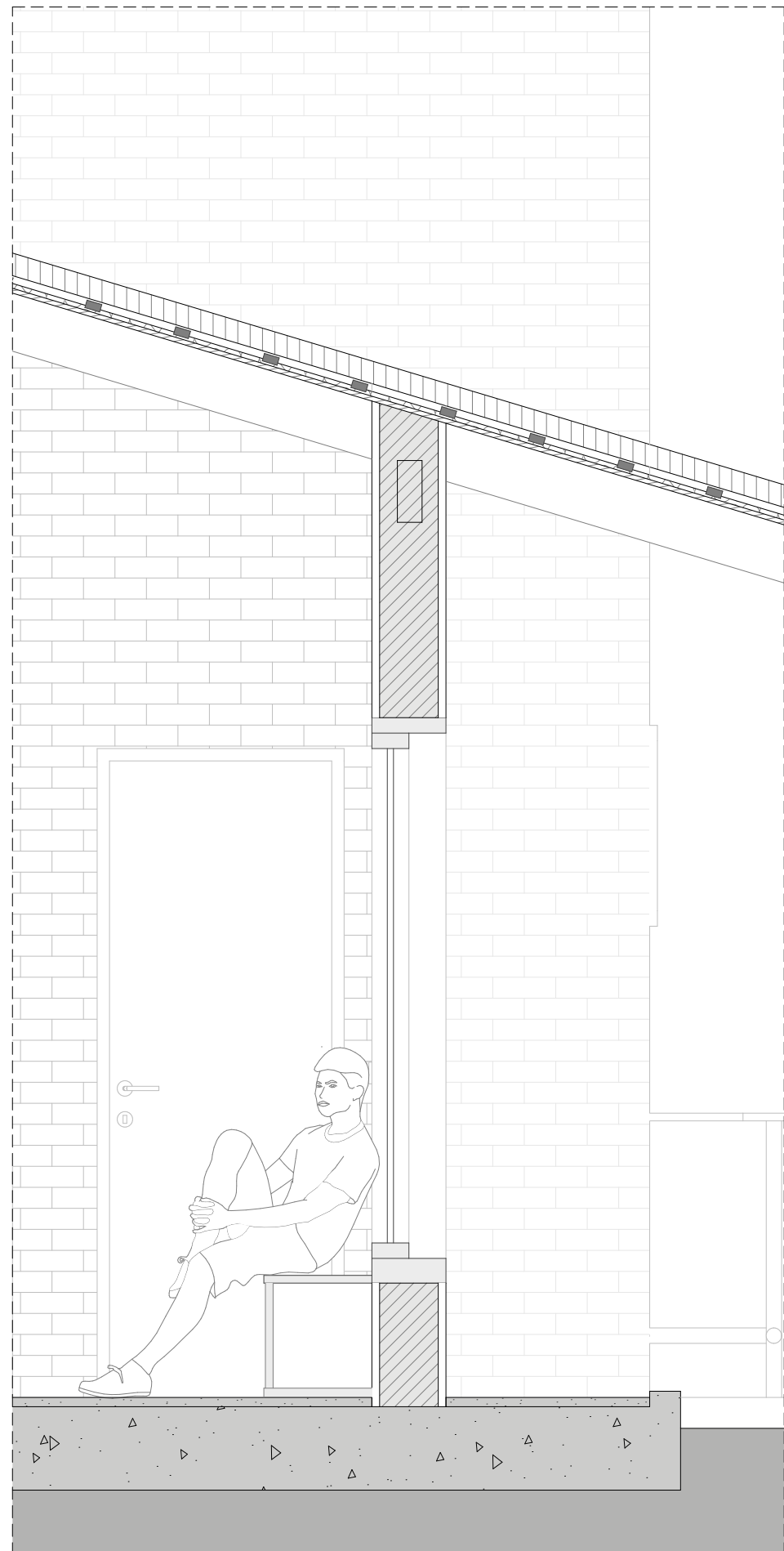






DETALHE 03

0 .10 .50 1m



DETALHE 04

0 .10 .50 1m



fotos da maquete  
por Helena Verri









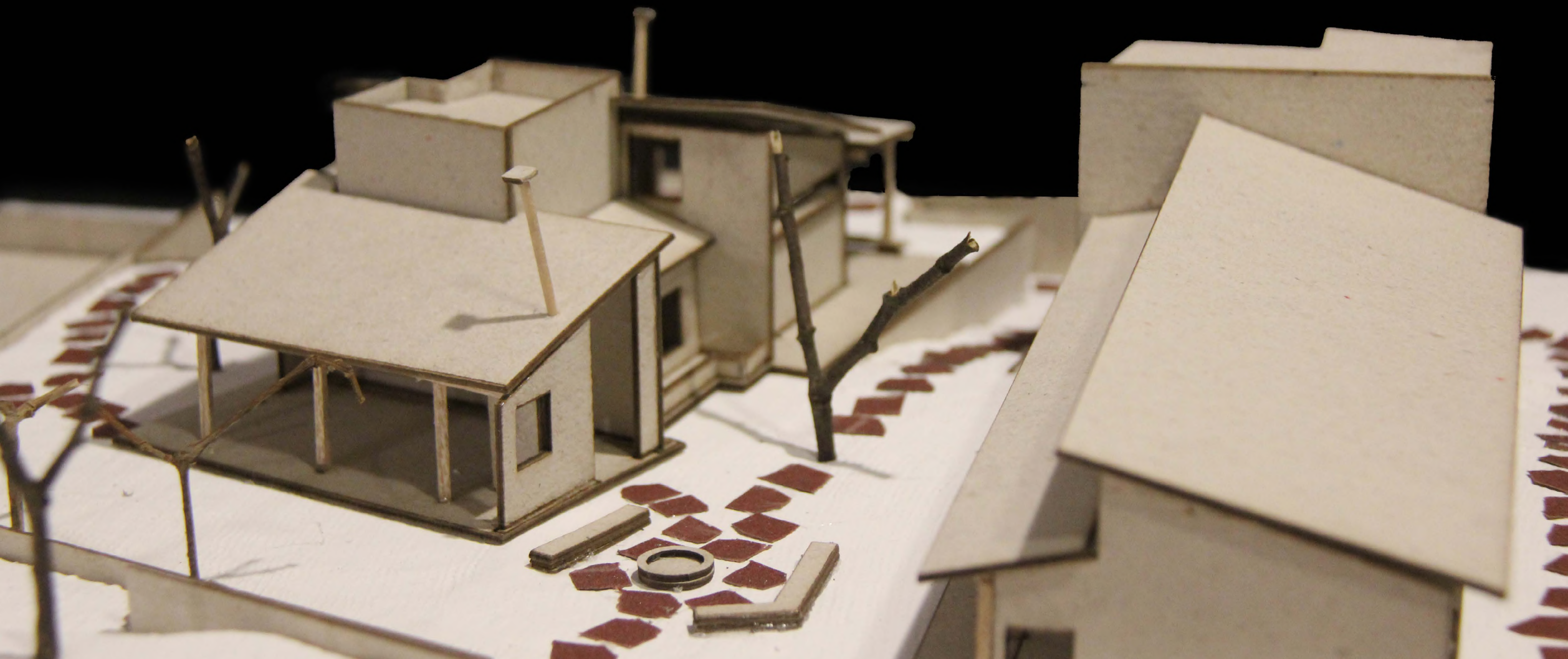








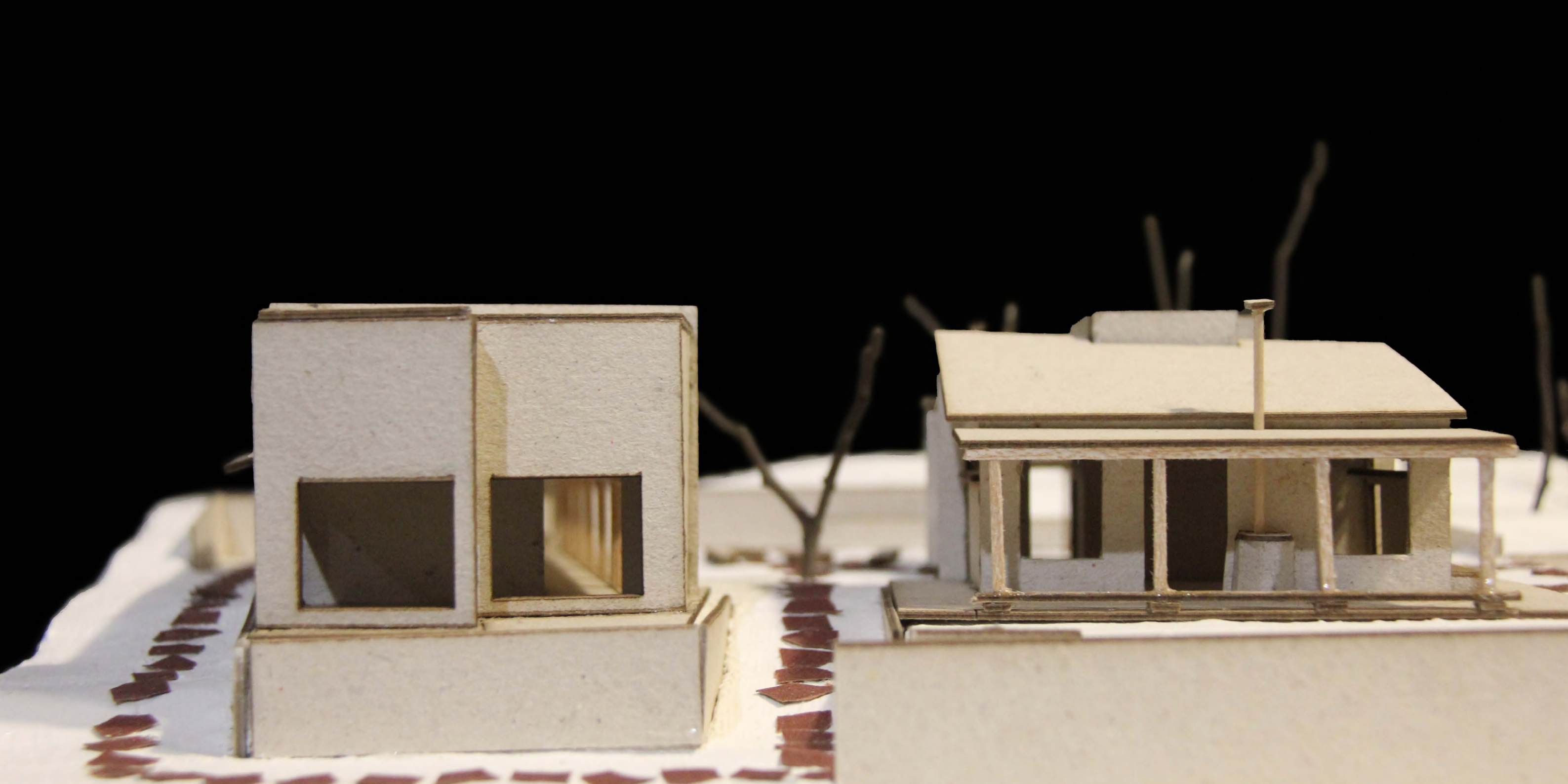




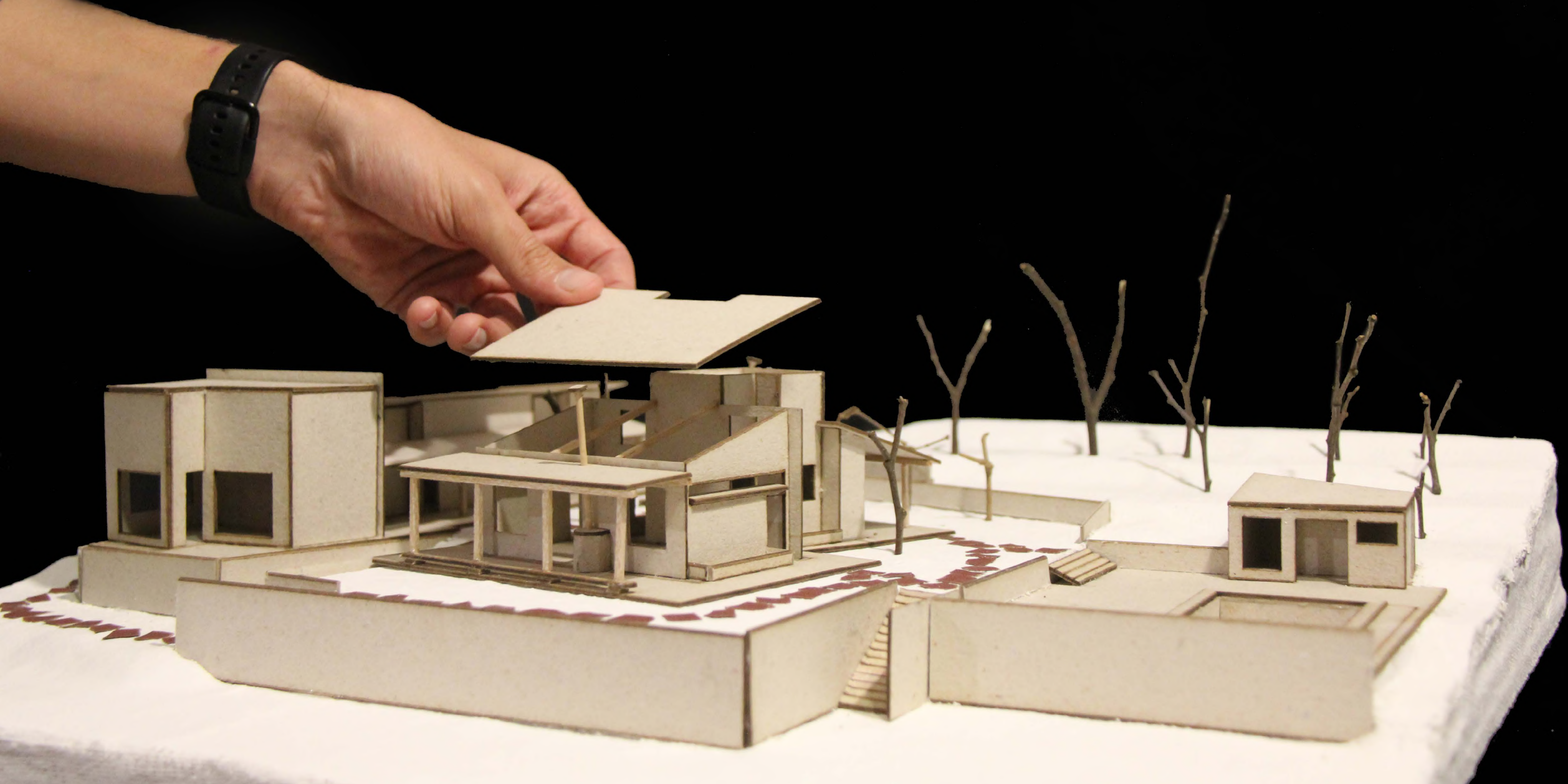


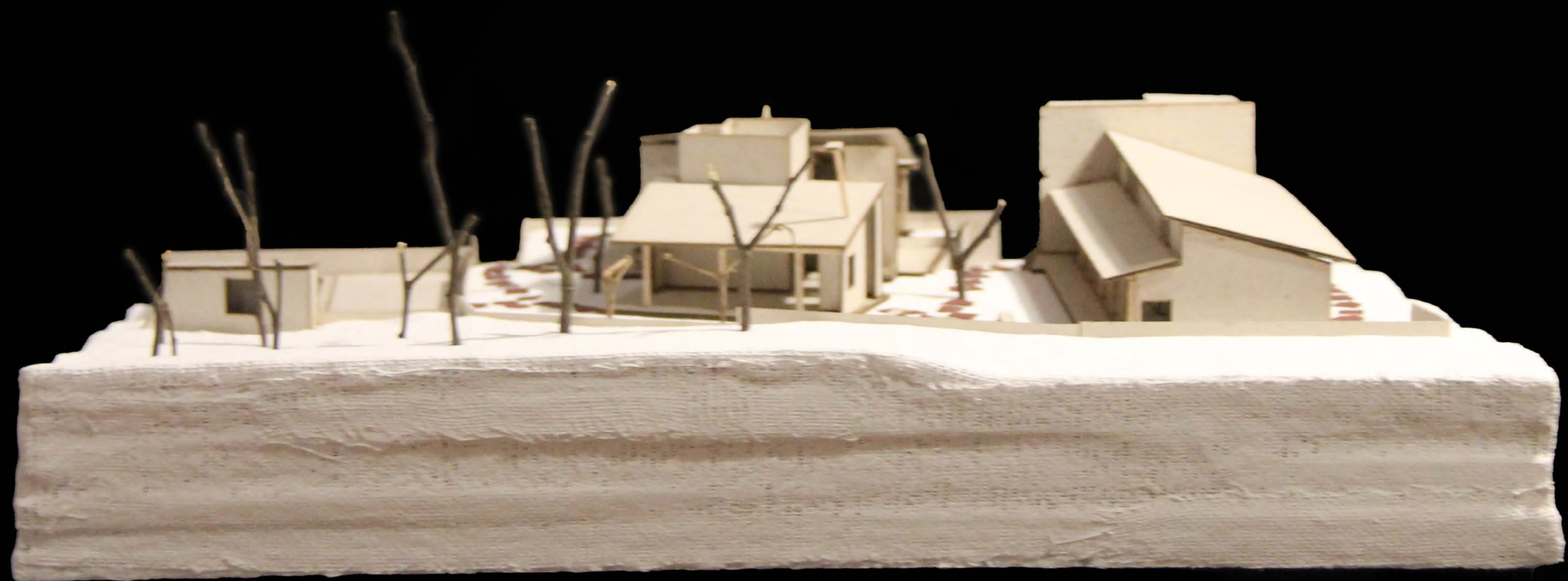








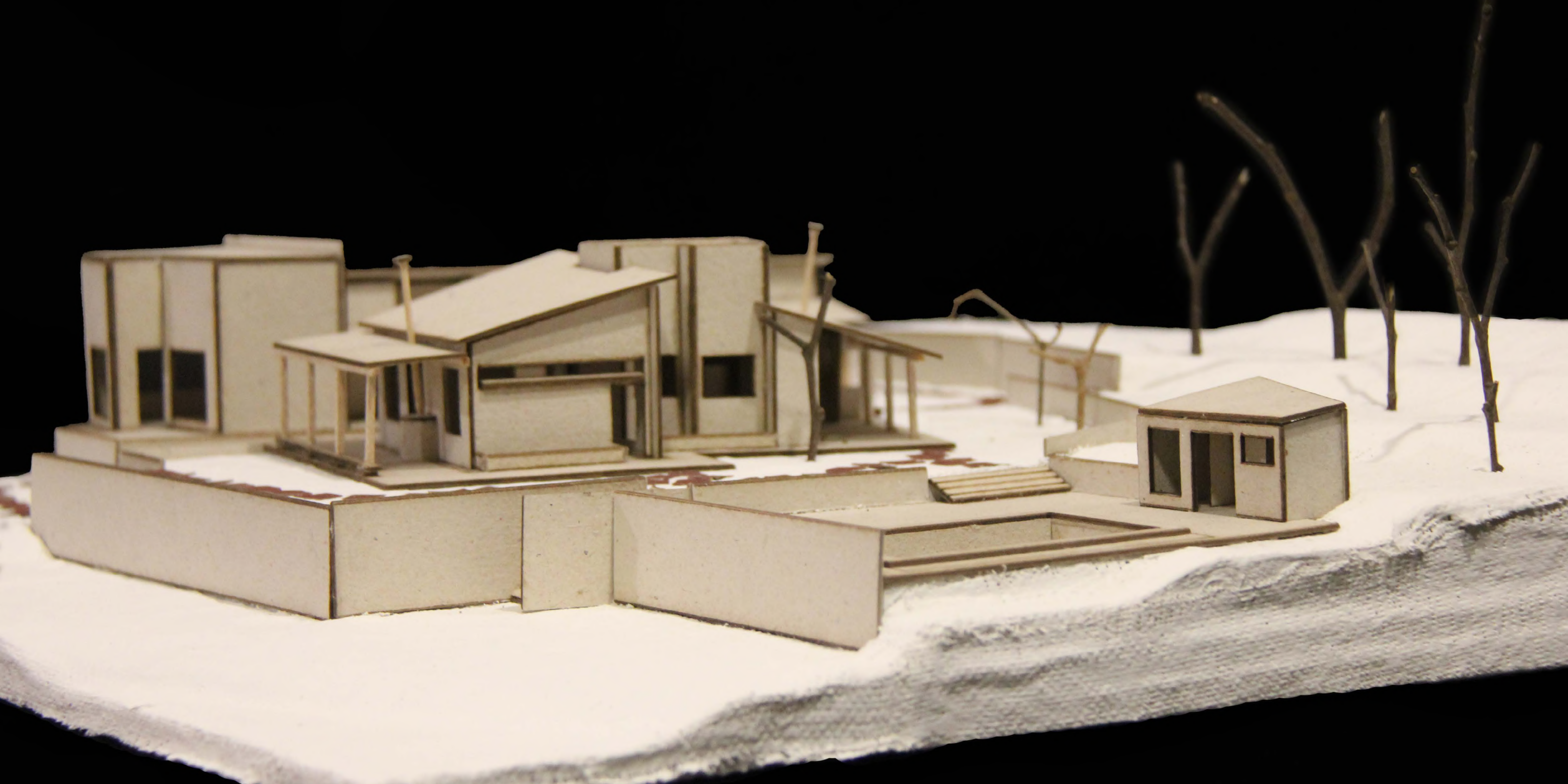




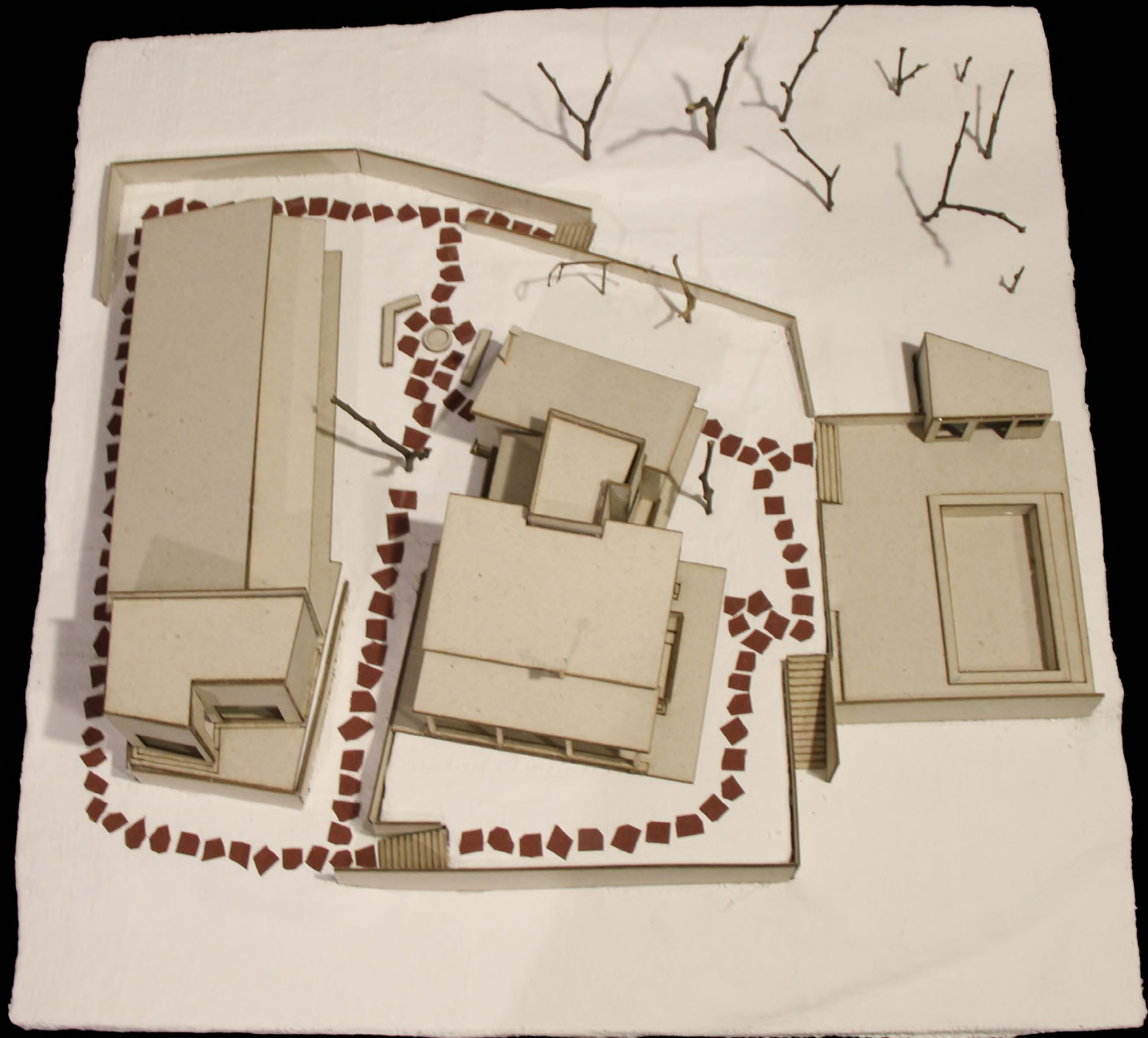
























## CONSIDERAÇÕES FINAIS

uma casa no campo... em obra



A elaboração desse Trabalho Final de Graduação permitiu explorar diversos desejos. Primeiro, o desejo de reunir um arcabouço teórico composto por leituras que deparei ao longo da faculdade e autores que sempre tive curiosidade de conhecer, mas que não havia tido a oportunidade de estudar. Segundo, o desejo de projetar coerente e criticamente, isto é, de pensar uma arquitetura responsável com o lugar, com a história e com as questões da contemporaneidade, compondo, por assim dizer, a ideia de arquitetura que eu acredito. Em seguida, o desejo de experimentar livremente, sem amarras ou ideias preconcebidas, seja em relação à escrita, seja em relação ao desenho, evidenciando a possibilidade do que algo pode vir a ser. Há também o desejo de retornar ao meu lugar de origem e perceber as transformações de visão de mundo e a abertura de pensamento entre o meu eu de seis anos atrás e o meu eu de agora. Por fim, o desejo genuíno de me formar. A graduação conforma uma fase da vida que, assim como as outras, tem começo, meio e fim. Fases vão passando e isso só me motiva a continuar por outras que virão.

#### processo de projeto

Como parte do processo de produção, a articulação entre teoria e prática se mostrou extremamente rica, na medida em que foi possível transitar entre os dois universos de maneira dinâmica, possibilitando a revisão recorrente de ambos os produtos. Ou seja, ao mesmo tempo em que, durante a produção dos desenhos, houve um retorno à reflexão teórica, de modo a retomar e fortalecer os argumentos defendidos, o movimento inverso também aconteceu ao repensar soluções arquitetônicas com base nas leituras apreendidas.

Em um pequeno exercício de autorreflexão, a ideia de tomar o projeto como pesquisa constitui uma abordagem interessante para o desenvolvimento da vida profissional, já que permite consolidar argumentos e estratégias de projeto e justificar asseguradamente cada tomada de decisão. Por mais que pareça um trabalho extremamente pessoal e autocentrado, esse método de pensar a arquitetura extrapola os limites do projeto de uma casa unifamiliar e motiva a discussão aplicada à totalidade da disciplina, independentemente da escala, do programa e do lugar em que se projeta. Nesse sentido, pensar a casa pressupõe pensar a existência humana enquanto sociedade, refletir acerca do modo como atribuímos significado às coisas e indagar nosso posicionamento perante a escassez dos recursos naturais e outros dilemas do mundo contemporâneo. Eis, novamente, a responsabilidade do arquiteto.

Para além das idas e vindas entre o desenho e a palavra, uma terceira força não prevista inicialmente apareceu no desenvolvimento do trabalho, potencializando ainda mais as reflexões, as estratégias e o próprio momento de transição entre a vida estudantil e a vida profissional. Em meados de março de 2024, surgiu a oportunidade de tirar do papel o projeto da casa e, enfim, dar início às construções. Desde então, diversas etapas de obra já foram realizadas, sendo difícil prever o estágio em que a casa se encontrará quando da apresentação deste trabalho, no final de junho de 2024. Essa situação atípica de ser ao mesmo tempo autor e cliente do projeto permite um olhar extraordinário para a condução da obra. Em diversas reuniões conjuntas realizadas in loco com a empresa de terraplenagem e com o Seu Cido, pedreiro excepcional encarregado das etapas de construção civil da obra, foram definidos alguns pontos fundamentais para o início da obra, como a entrada principal da gleba, o melhor percurso para acesso à casa, as estacas que marcam área de terraplenagem, as decisões de corte e aterro, os tipos de fundação mais adequados para as características do solo da região e, finalmente, a implantação da casa. Essa situação específica de uma casa num sítio familiar, lugar sem muitas restrições construtivas como no meio urbano, permitiu conciliar tanto a expertise dos profissionais quanto as intenções do projeto, evidenciando um lado da realidade construtiva onde nem tudo é projeto, importando igualmente os diálogos cotidianos, as trocas de conhecimento e a sabedoria de quem constrói. É desse modo que se desenrola atualmente o processo de obra, uma conjunção entre teoria, prática e realidade infinitamente enriquecedora.

#### a obra

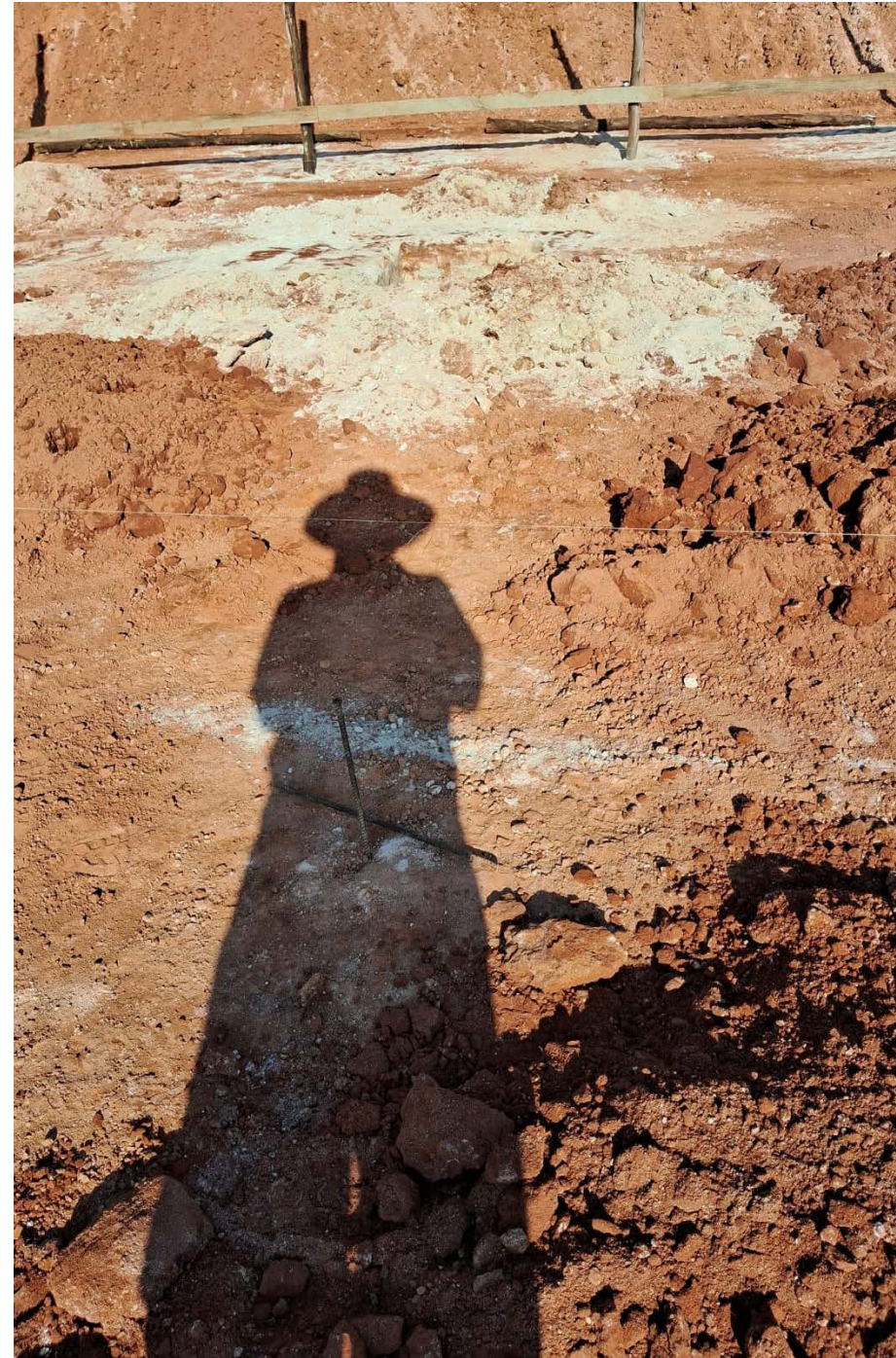






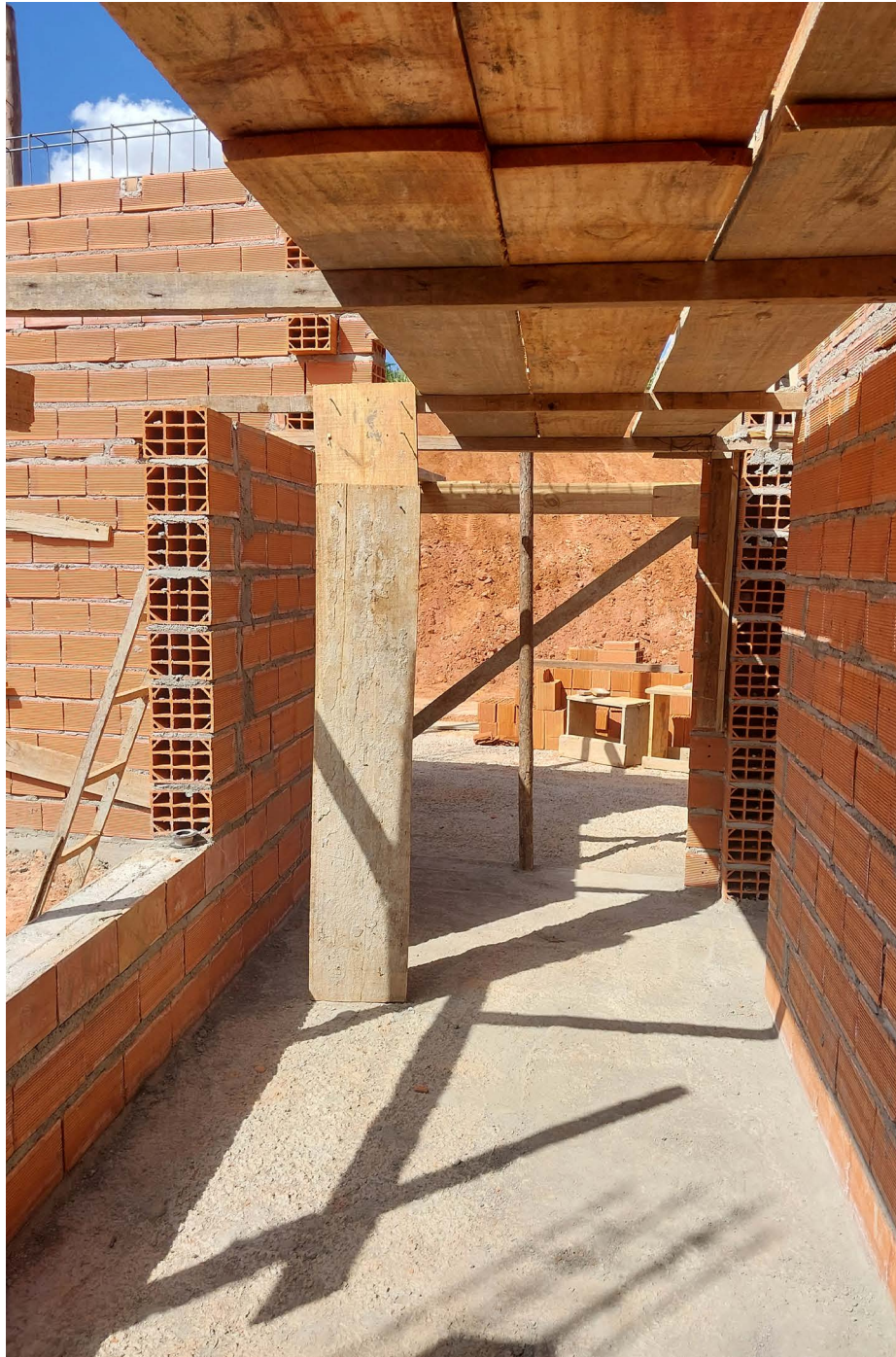








fotos da obra  
processo











ÁBALOS, Iñaki. A boa-vida: visita guiada às casas da modernidade. São Paulo: Editorial Gustavo Gili, 2003.

ABBUD, Benedito. Criando paisagens: guia de trabalho em arquitetura paisagística. São Paulo: Editora Senac, 2006.

ANDO, Tadao. Por novos horizontes na arquitetura. In: NESBITT, Kate (org.). Uma nova agenda para a arquitetura: antologia teórica (1965-1995). São Paulo: Cosac Naify, 2013.

BACHELARD, Gaston. A poética do espaço. São Paulo: Martins Fontes, 2000.

FERRAZ, Marcelo. Arquitetura rural na Serra da Mantiqueira. São Paulo: Instituto Lina Bo e P.M. Bardi, 1996.

FRAMPTON, Kenneth. História crítica da arquitetura moderna. São Paulo: Martins Fontes, 2003.

FRAMPTON, Kenneth. Perspectivas para um regionalismo crítico. In: NESBITT, Kate (org.). Uma nova agenda para a arquitetura: antologia teórica (1965-1995). São Paulo: Cosac Naify, 2013.

FRAMPTON, Kenneth. Uma leitura de Heidegger. In: NESBITT, Kate (org.). Uma nova agenda para a arquitetura: antologia teórica (1965-1995). São Paulo: Cosac Naify, 2013.

GREGOTTI, Vittorio. O exercício do detalhe. In: NESBITT, Kate (org.). Uma nova agenda para a arquitetura: antologia teórica (1965-1995). São Paulo: Cosac Naify, 2013.

GREGOTTI, Vittorio. Território e Arquitetura. In: NESBITT, Kate (org.). Uma nova agenda para a arquitetura: antologia teórica (1965-1995). São Paulo: Cosac Naify, 2013.



HEIDEGGER, Martin. Construir, habitar, pensar. In: Ensaios e Conferências. São Paulo: Editora Vozes, 2006.

LEMOS, Carlos. Alvenaria Burguesa. São Paulo: Nobel, 1985.

LEMOS, Carlos. História da casa brasileira. São Paulo: Editora Contexto, 1988.

LEMOS, Carlos. Casa paulista. São Paulo: EDUSP, 1999.

MELO, Jonathan; VICTAL, Jane. Por uma arquitetura do lugar. Arquitextos, São Paulo, ano 24, n. 280.03, Vitruvius, set. 2023  
<<https://vitruvius.com.br/revistas/read/arquitextos/24.279/8910>>.

MIGUEL, Jorge Marão Carnielo. Casa e lar: a essência da arquitetura. Arquitextos, São Paulo, ano 03, n. 029.11, Vitruvius, out. 2002.  
<<https://vitruvius.com.br/revistas/read/arquitextos/03.029/746>>.

NESBITT, Kate. Introdução. In: NESBITT, Kate (org.). Uma nova agenda para a arquitetura: antologia teórica (1965-1995). São Paulo: Cosac Naify, 2013.

NORBERG-SCHULZ, Christian. O fenômeno do lugar. In: NESBITT, Kate (org.). Uma nova agenda para a arquitetura: antologia teórica (1965-1995). São Paulo: Cosac Naify, 2013.

NORBERG-SCHULZ, Christian. O pensamento de Heidegger sobre arquitetura. In: NESBITT, Kate (org.). Uma nova agenda para a arquitetura: antologia teórica (1965-1995). São Paulo: Cosac Naify, 2013.

PALLASMAA, Juhani. A geometria do sentimento: um olhar sobre a fenomenologia da arquitetura. In: NESBITT, Kate (org.). Uma nova agenda para a arquitetura: antologia teórica (1965-1995). São Paulo: Cosac Naify, 2013.

PALLASMAA, Juhani. Os olhos da pele. Porto Alegre: Bookman, 2011.

PARENTE, Alessandra Affortunati Martins. A casa e o holding: conversas entre Bachelard e Winnicott. Nat. hum. [online]. 2009, vol.11, n.1 [citado 2023-11-20], p.79-80.

Disponível em:

<[http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S1517-24302009000100004&lng=pt&nrm=iso](http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1517-24302009000100004&lng=pt&nrm=iso)>. ISSN 1517-2430.

REIS-ALVES, Luiz Augusto dos. O conceito de lugar. Arquitextos, São Paulo, ano 08, n. 087.10, Vitruvius, ago. 2007  
<<https://vitruvius.com.br/revistas/read/arquitextos/08.087/225>>.

RYBCZYNSKI, Witold. Casa: pequena história de uma ideia. Rio de Janeiro: Record, 1996.

ZÉ RODRIX; TAVITO. Uma casa no campo. São Paulo: Odeon, 1971. Compacto simples (3 min).

ZUMTHOR, Peter. Atmosferas. Barcelona: Gustavo Gili, 2009.

ZUMTHOR, Peter. Pensar a arquitetura. Barcelona: Editorial Gustavo Gili, 2009.

